

Assimetrias nas relações de intimidade: perceção de jovens do ensino superior

Jéssica Elvira Brito Soares

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Bragança
para obtenção do Grau de Mestre em Educação Social

Orientado por:

Professora Doutora Sofia Marisa Alves Bergano

Bragança
Setembro, 2017

Assimetrias nas relações de intimidade: perceção de jovens no ensino superior

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Bragança
para obtenção do Grau de Mestre em Educação Social

Orientado por:

Professora Doutora Sofia Marisa Alves Bergano

Bragança

Setembro, 2017

Dedicatória

Aos meus pais por estarem sempre comigo em todos os momentos da minha vida, quer pessoalmente quer em pensamento, pois é graças a eles que cheguei onde cheguei, nesta longa caminhada , que nem sempre é fácil.

Á minha irmã, que tenho o prazer ,como irmã mais velha, de lhe transmitir todo o conhecimento e orientação, capacitando-a para que nunca esteja envolvida , tanto agora como futuramente, em situações de violência nas relações de intimidade.

Á minha (a)filha(da) pequena, que espero quando estiver maior , as percepções, os comportamentos e os estudos sobre a problemática da violência nas relações de intimidade, estejam cada vez mais desenvolvidos, transmitindo assim uma melhor compreensão desse problema.

Agradecimento

Ao finalizar este trabalho tão importante da minha vida, queria expressar meu profundo agradecimento a todos aqueles que estiveram presentes, apoiando-me neste percurso e que, diretamente ou indiretamente, tornaram possível a realização deste trabalho.

Aos meus pais que sempre me transmitiram motivação, força, confiança e carinho em todos os momentos da minha vida pessoal e acadêmica. Agradeço-lhes muito, pois sem eles nada disso seria possível. Por acreditarem sempre em mim e naquilo que faço.

À Professora Sofia Bergano, minha orientadora, pela ajuda, disponibilidade e paciência em todas as etapas da realização e entrega da Dissertação. Agradeço pela competência na condução e rigor científico que requer este trabalho, respeitando e apoiando sempre meu ritmo de trabalho.

Aos meus familiares, meu namorado e meus amigos pelas palavras de motivação e confiança para desenvolver este trabalho, apesar de muitas advertências que surgiram ao longo desta caminhada.

O meu muito obrigado aos participantes, que anónima e voluntariamente, colaboraram neste estudo e contribuíram para a concretização desta Dissertação.

Aos professores com quem cruzei em todo o meu percurso académico, pela partilha e transmissão dos seus conhecimento.

A todos o meu muito obrigado

Resumo

A violência nas relações de intimidade foi considerado recentemente um fenómeno de pesquisa importante, para uma melhor compreensão deste fenómeno.

O presente trabalho tem como objetivo geral, procurar compreender a percepção dos jovens do ensino superior sobre as assimetrias nas relações de intimidade.

Como objetivos específicos, analisar se há diferenças em função do sexo relativamente à percepção da violência e do controlo, verificar se os jovens admitem ou não certos comportamentos violentos no outro, analisar a percepção dos jovens relativamente aos seus próprios comportamentos violentos e averiguar se os jovens reconhecem certos comportamentos violentos no/a namorado/a.

A investigação apoia-se num estudo descritivo, de natureza quantitativa, tendo como participantes 76 jovens do ensino superior, sustentada num questionário como instrumento de recolha de dados. A seleção dos participantes foi definida tendo em conta o perfil e as características estipuladas, que mais se ajustavam aos objetivos definidos, tendo a recolha recaído sobre indivíduos do sexo feminino e do sexo masculino.

No contexto ético foram respeitados todos os procedimentos que uma investigação envolvendo pessoa impõe, informando aos participantes sobre os objetivos do estudo e clarificando que a participação no estudo seria voluntária e a confidencialidade e o anonimato respeitado.

Os resultados obtidos deste estudo permitem-nos concluir que há uma tendência da legitimação da violência maior para os jovens do sexo masculino, nomeadamente com comportamentos considerados violentos, violência de índole sexual, social e controlo/poder.

Foi encontrado também respostas onde o desenvolvimento da tolerância da violência nas relações de intimidade pode ser similar para os dois sexos, que faz com que haja necessidade de entender melhor os fatores que podem influenciar as diferenças e as similaridades entre os sexos relativamente a esse fenómeno.

Palavras-chaves: jovens, violência nas relações de intimidade, percepção

Abstract

Violence in intimacy relationships was recently considered one important research phenomenon to understand in a better way that subject.

The present work has as a general purpose to try to understand the youth's perception in higher education about the asymmetries in the intimacy relationships. And, as a specific purpose, to analyse if there are differences depending on sex with regard to the perception of violence and control, to verify if the youth admits or not certain violent behaviours on others, to analyse the youth's perception with regard to their own violent behaviours and to find out if the youth admits certain violent behaviours against the boy(girl)friend.

The research is based on a descriptive, quantitative study involving 76 young people from higher education, supported by a questionnaire as a data collection instrument. The selection of the participants was defined taking into account the profile and the stipulated characteristics, which more adjusted to the defined purposes, with the collection of females and males.

In the ethical context, all the procedures that an investigation involving a person imposes were respected, informing the participants of the study purposes and clarifying that the participation in the study would be voluntary and confidentiality and the anonymity would be respected.

The results obtained from this study allowed us to conclude that there is a tendency to legitimize greater violence for young males, particularly with behaviors considered violent, sexual violence, social violence and control/power.

Key-words: Youth, violence in intimacy relationships, perception.

Índice

Introdução.....	1
Parte I.....	3
Enquadramento Teórico.....	3
Capítulo I.....	3
Assimetrias nas relações de intimidade.....	3
1. Construção social do amor e do poder.....	3
2. Conceito vitimização.....	8
3. Tipos de Violência.....	11
3.1. Violência física.....	12
3.2. Violência psicológica.....	12
3.3. Violência social.....	13
3.4. Violência económica.....	13
3.5. Violência sexual.....	14
Capítulo II.....	14
As relações de intimidade.....	14
1. Jovens e as relações de intimidade.....	15
2. Violência nas relações de intimidade.....	17
3. Modelos teóricos da violência nas relações de intimidade.....	19
3.1. Teoria da vinculação.....	20
3.2. Teoria da Aprendizagem Social.....	21
3.3. Teoria Sociocultural.....	22
4. Crenças e perceções sociais da violência nas relações de intimidade.....	23
Parte II.....	25
Parte empírica.....	25
Capítulo III.....	25
Decisões metodológicas.....	25
1. Justificação do estudo.....	26
2. Natureza do estudo.....	27
3. Problema , objetivos, hipóteses e amostra.....	28
4. Técnicas de Recolha de Dados.....	30
5. Tratamento e interpretação dos dados.....	33

Capítulo IV	34
Resultados	34
1. Amostra e sua caracterização	34
2. Caracterização do instrumento de recolha de dados.....	35
3. Teste das hipóteses	36
4. Discussão dos resultados.....	50
5. Implicações para a Educação Social.....	54
Considerações finais	59
Referência Bibliográfica	61
Anexos.....	65

Índice de tabelas

Tabela 1- Categorização das variáveis em estudo	28
Tabela 2- Distribuição das perguntas segundo o comportamento pessoal e o comportamento do/a namorado	31
Tabela 3-Distribuição das perguntas em função das dimensões da violência nas relações de intimidade presentes no questionário	32
Tabela 4- Sexo dos participantes	34
Tabela 5-Teste Alpha de Cronbach do questionário	35
Tabela 6- Teste Alpha de Cronbach para avaliação do comportamento pessoal	35
Tabela 7-Teste de Alpha de Cronbach para avaliação do comportamento do namorado/a	36
Tabela 8- Média dos dois grupos da amostra quanto à percepção das assimetrias nas relações de intimidade.....	36
Tabela 9- Teste Levene e Teste t em relação à média dos dois grupos da amostra quanto à percepção das assimetrias nas relações de intimidade.....	37
Tabela 10- Correlação entre ACP e ACN	38
Tabela 11- Média da ACP em função do sexo	38
Tabela 12-Teste de Levene e Teste t para a comparação das médias de ACP em função do sexo	39
Tabela 13- Média da ACN em função do sexo	40
Tabela 14- Teste de Levene e Teste t para a comparação das médias de ACN em função do sexo	40
Tabela 15- Média da AVF em função do sexo	41
Tabela 16- Teste de Levene e Teste t para a comparação das médias da VF em função do sexo	41
Tabela 17- Correlação entre VF, ACPVF e ACNVF	42
Tabela 18- Media da AVS em função do sexo	43
Tabela 19- Teste de Levene e Teste t para a comparação das médias da VS em função do sexo	43
Tabela 20- Correlação entre VS, ACPVS e ACNVS	44
Tabela 21-Média da AVP em função do sexo.....	44

Tabela 23- Correlação entre AVP, ACP e ACN	46
Tabela 24- Média da avaliação da violência social em função do sexo	46
Tabela 25- Teste Levene e teste T para a comparação das médias da violência social em função do sexo	47
Tabela 26- Correlação entre VSOC, ACPVSOC e APNVSOC	48
Tabela 28- Teste Levene e teste T para a comparação das médias do controlo e poder em função do sexo	49
Tabela 29- Correlação entre CP, ACPCP e ACNCP	49

Índice de Figuras

Figura 1- Teoria Triangular do Amor de Sternberg.....	6
Figura 2 Roda de poder e controlo Duluth	7
Figura 3- Ciclo da violência	10
Figura 4- Roda de igualdade Duluth.....	56

Introdução

A violência refere-se a um problema social presente na sociedade ao longo do tempo, mas o fato de estar presente não quer dizer que tem que ser aceite. Existem vários sistemas (a nível da educação, saúde, segurança social, justiça, entre outras áreas) que desenvolvem estratégias para lutar contra essa problemática.

Segundo a OMS¹ (2002), desde a década de 80, a área da saúde pública tem dado contribuições importantes para entender as raízes da violência e as suas consequências.

Ao longo dos anos, a violência doméstica e as referentes estratégias de intervenção vêm sofrendo progressos, surgindo novas formas de abordar essa problemática. Nos últimos anos o foco tem estado voltado para a violência nas relações de intimidade e os tipos de violência que envolvem essas relações.

Segundo Sugarman e Hotaling (1989, citados por Caridade & Machado, 2013), a violência nas relações de intimidade é, muitas vezes, percebida como sendo consequência de atitudes individuais de cada um e resultado da dificuldade que os jovens possuem para resolverem conflitos relacionais, em que o ciúme e a raiva surgem como principais causas da violência .

O presente estudo aborda a percepção dos jovens do ensino superior sobre as assimetrias nas relações de intimidade com associação à violência. O tema sobre as assimetrias de poder e controlo e a violência nas relações de intimidade teve um grande desenvolvimento ao nível de investigação nos últimos anos. Apesar de se tratar de uma área de investigação recente, refere-se a uma realidade reconhecida como um problema social com efeitos preocupantes. O fato de faixas etárias mais jovens estarem envolvidas com essa problemática, demonstra que é necessário proceder a mais estudos para compreender melhor esse problema. Neste sentido enfatiza-se a necessidade de se compreender as percepções dos jovens face a determinadas situações e comportamentos no seio das suas relações de intimidade, que podem não ser reconhecidos como violência ou até mesmo minimizados.

A OMS (2005, citado por Leitão, 2013) considera a violência nas relações de intimidade um problema de saúde pública amplamente desenvolvido e mal

¹ OMS: Organização Mundial de Saúde.

compreendido, no qual tem que se ter uma prevenção primária, trabalhando juntamente com os jovens para os sensibilizar para este problema.

Esse tipo de violência não prejudica só os jovens mas também a família, os amigos e a comunidade. É nesse sentido que a OMS (2002) acrescenta que a problemática da violência nas relações de intimidade não deve ser considerada um problema isolado.

A educação social como uma área do conhecimento e de intervenção socioeducativa, que acompanha e ajuda pessoas e famílias com as mais diversas necessidades, permite ao educador social, perante este fenómeno que é a violência nas relações de intimidade, criar ações preventivas e intervenções adequadas com estratégias e competências socioeducativas para o seu combate.

Para concretizar a investigação, estruturou-se este estudo em duas partes: a Parte I refere-se ao Enquadramento Teórico e a Parte II refere-se à Parte Empírica.

A parte I divide-se em dois capítulos. No capítulo I, que faz referência às assimetrias nas relações de intimidade, foram desenvolvidos o conceito de construção social de amor e de poder, o conceito de vitimização, os tipos de violência (violência física, violência psicológica, violência social, violência económica e violência sexual).

No capítulo II, desenvolveu-se o conceito de relações de intimidade, especificando a sua contextualização, o conceito de violência nas relações de intimidade, os modelos teóricos da violência nas relações de intimidade (teoria da vinculação, teoria da aprendizagem social, teoria sociocultural) e as crenças e perceções sociais da violência nas relações de intimidade.

A parte II é constituída por dois capítulos. O primeiro capítulo visa a justificação e natureza do estudo, clarificação do problema, dos objetivos e das hipóteses da investigação. Para atingir os objetivos pretendidos, optou-se por um estudo quantitativo, de seguida caracterizou-se a técnica de recolha de dados e descrição do tratamento dos dados. O outro capítulo, primeiramente foi feita a caracterização da amostra. Posteriormente a caracterização do instrumento de recolha de dados e apresentados os resultados referentes aos teste das hipóteses.

Por fim, aborda-se as implicações da investigação para a educação social, algumas considerações finais do trabalho desenvolvido.

A técnica de recolha de dados escolhido nesta investigação foi o inquérito por questionários composto por trinta itens que procuram avaliar o grau de acordo e desacordo referente ao comportamento pessoal e ao comportamento do outro.

Parte I

Enquadramento Teórico

Nesse ponto serão abordados alguns conceitos relacionados com as relações de intimidade, desde o conceito de amor até o conceito da violência, que darão sustentabilidade interpretativa a esta investigação. O primeiro tópico abordado refere-se às assimetrias nas relações de intimidade, em particular, à construção social do amor, ao conceito de vitimização e os tipos de violência. De seguida serão referidas as relações de intimidade, mais especificamente a violência nas relações de intimidade, os modelos teóricos da violência nas relações de intimidade e por fim, as crenças e percepções sociais sobre a violência nas relações de intimidade.

O principal objetivo nesse ponto é analisar a violência nas relações de intimidade como um problema social e conhecer a dimensão desse problema que vem afetando nos últimos tempos uma proporção considerável da população.

Capítulo I

Assimetrias nas relações de intimidade

1. Construção social do amor e do poder

No processo de socialização, as pessoas desenvolvem identidades consentâneas ao fato de ser homem ou mulher num determinado grupo social e cultural, sustentado com estilos, atitudes e comportamentos associados ao género. Nessa lógica, o género pode ser caracterizado como sendo um aspeto importante na caracterização e valorização de homem e de mulher num determinado contexto social e cultural.

Para Scott (1986), o termo “género” é utilizado para designar “as relações sociais entre os sexos, onde seu uso tem explicações biológicas, para diversas formas de subordinação feminina, fazendo referência que as mulheres têm capacidade para dar a luz e de que os homens têm uma força muscular superior” (p.75).

Nesta perspetiva é visível que o termo “género” é analisado segundo as diferenças física, em que o papel da mulher refere-se à reprodução e o papel do homem refere-se na força física.

Nesse processo de socialização os homens seriam socializados para a produção e para o domínio público, educando-os para que a sua fonte de gratificação e autoestima provenha do mundo exterior, limitando assim o lado afetivo. As mulheres seriam socializadas para a reprodução e para permanecerem no âmbito privado, com o intuito de desenvolverem as qualidades e habilidades necessárias para desempenhar com êxito os papéis a que estavam destinadas: serem esposas e mães (Walker e Barton, 1983; Cabral e García, 2001, citados por Leitão, 2013, p. 39).

Ou seja, desde o nascimento, as mulheres seriam educadas com base em expectativas sociais e culturais, que para os seus comportamentos e atitudes direcionam para determinada maneira de ser e agir no contexto envolvente, e deste modo encaixar numa categoria social e cultural já construída e estabelecida de acordo com o género. Como por exemplo, brincar de boneca e brincar com brinquedos de cozinha seriam alguns dos elementos da categoria da mulher.

A nível familiar a interpretação de género era visível no sentido que os pais trabalham e as mães executam as tarefas domésticas, nomeadamente a criação e educação dos filhos, e desta forma se dava a organização familiar.

Segundo a lógica de Chodorow (citado por Scott, 1986)

se os pais (homens) estivessem mais envolvidos e presentes no cuidado dos/as filhos/as e na vida doméstica, as consequências do drama edipiano (momento em que as crianças começam a perceber que não são o centro do mundo, que os pais têm outros compromissos, como trabalho e amigos, e não se dedicam só a elas, e também perceber que o pai pertence à mãe) seriam provavelmente diferentes (p. 81).

Ainda hoje há muitos desses aspetos presentes na sociedade. Quando nasce um menino, o quarto, as roupas e os brinquedos são associados à cor azul e quando nasce uma menina é associado à cor rosa.

Mas nas últimas décadas foi visível as transformações sociais ao nível dos papéis de género. Muitas tarefas são hoje realizadas em ambas as partes, por parte dos homens e por parte das mulheres, sem haver conflitos relacionados com o género. Apesar de haver ainda alguns aspetos, como as desigualdades salariais e de oportunidades, que traduzem ainda a presença de desigualdade de género.

O processo de socialização inclui relações afetivas e de intimidade entre as pessoas, a que se associa o conceito de amor, englobando componentes importantes, como intimidade e compromisso. Nessas relações surgem muitas formas das pessoas se

relacionarem, com partilha de experiências e vivências pessoais e comprometimento para com o outro.

Tendo em consideração a perspectiva histórica e cultural do amor, há um conceito designado de “amor romântico”, que se refere a um conceito desenvolvido na Europa Medieval, para explicar a vinculação e a relação entre duas pessoas.

Segundo Ferreira (1995, citado por Leitão 2013)

as ideias mais características do “amor romântico” são que os elementos do casal se entregam totalmente à outra pessoa, vivem experiências muito intensas de felicidade e de sofrimento, dependem da outra pessoa e adaptam-se a ela, esquecendo-se de si próprio, perdoam e justificam tudo em nome do amor, dedicam-se ao bem-estar da outra pessoa, estão todo o tempo com a outra pessoa, pensam que é impossível voltar a amar com a mesma intensidade, sentem que nada vale tanto como aquela relação, desesperam-se só de pensar que podem perder a outra pessoa, pensam todo o tempo na outra pessoa, idealizam a outra pessoa não aceitando que pode ter algum defeito, sentem que qualquer sacrifício é positivo com a justificação que se faz por amor à outra pessoa, tenham vontade de ajudar e apoiar a outra pessoa sem esperar reciprocidade nem gratuidade e procuram a união mais íntima e definitiva (p.40).

Os mitos atribuídos ao “amor romântico”², para a manutenção das relações de intimidade são considerados crenças sociais, irracionais e fictícias sobre a definição do amor. Nessa lógica pode dizer-se que o conceito de amor é definido como um conjunto de elementos, como paixão, proximidade, intimidade, fascinação, exclusividade, desejo incontrolável, medo de perder, partilha, preocupação, atração.

Neste contexto, ligado ao conceito de amor, surgem os mitos relacionados com o ciúme. Para Bosch e Ferrer (2002, citado por Leitão, 2013), o ciúme é considerado “um problema na violência nas relações de intimidade, onde há o uso de poder, dominação e estratégia de controlo sobre a vítima” (p. 41).

Uma das grandes contribuições para compreender o amor é a teoria triangular do amor de Sternberg. De acordo com essa teoria o amor é constituído por três elementos. Segundo Sternberg (1986, citado por Gouveia et al., 2009), o amor pode ser classificado em três componentes principais: intimidade, paixão e compromisso. A

² Segundo Yela (2003, citado por Leitão, 2013, p. 41), “os mitos românticos referem-se a um conjunto de crenças sociais sobre a suposta natureza e consequências do amor”.

intimidade refere-se aos sentimentos de proximidade, vínculo e conexão nos relacionamentos amorosos; a paixão refere-se aos impulsos que conduzem ao romance, à atração física e à relação sexual; e o compromisso refere-se à decisão de amar o outro e manter esse amor. O autor ainda acrescenta que os três componentes do amor, embora possam ser vistos de forma isolada, interagem entre si (p. 33). Como é possível observar na figura seguinte, juntamente com a combinação de outros componentes envolventes.

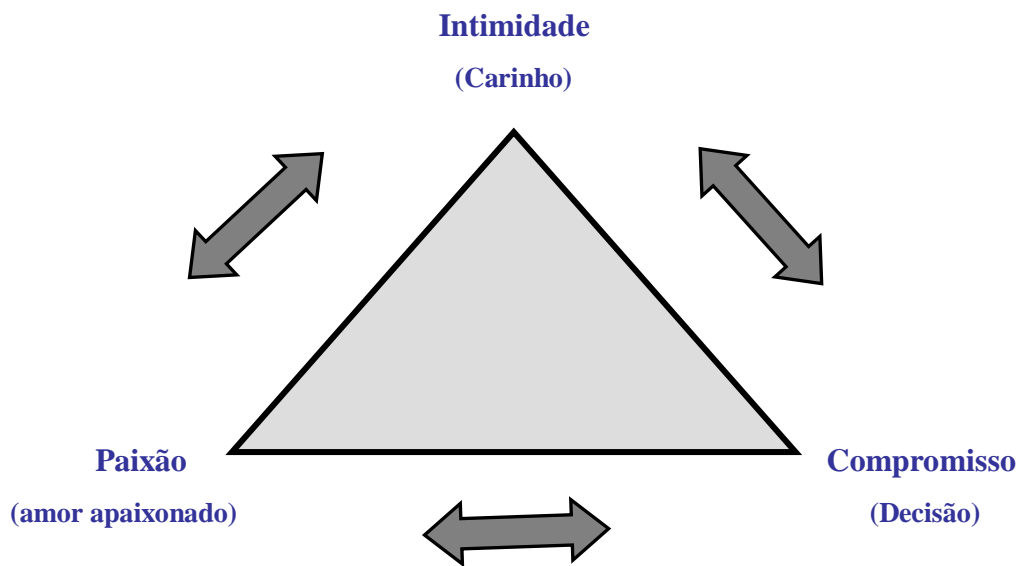


Figura 1- Teoria Triangular do Amor de Sternberg

Os dados da figura acima ilustram que quando uma pessoa se encontra no componente de Intimidade, surge o carinho. No componente paixão resulta o amor apaixonado. E no compromisso surge o elemento da decisão, ou seja, a decisão de estar comprometido com uma pessoa. Sternberg (1997, citado por Gouveia et al., 2009), refere que “quando há equilíbrio nos três componentes do triângulo, ele pode ser representado como um amor igualmente equilibrado” (p. 33).

Relativamente ao conceito de poder, é pertinente conhecer a origem etimológica da palavra. De acordo com Ferreirinha e Raitz (2010), a palavra “poder” vem do latim-*Posse*, que significa “ser capaz” ou “autoridade”. Nesse sentido, a palavra indica uma ação, exprimindo a ideia de força, controle, regulação. Foucault criou uma análise sobre o conceito do poder, para explicar e identificar o poder de um sujeito sobre o outro sujeito.

Na análise de Foucault (1999, citado por Ferreirinha & Raitz, 2010), o conceito de poder é relacionado com

o conceito de direito e com o conceito de verdade, pela forma como a sociedade se coloca, se discursa e se movimenta. Nessa perspectiva, o autor define poder como uma ação sobre ações, onde as nossas ações serão julgadas pelo discurso da verdade, que faz com que desempenhamos determinados modos de vida (p. 370).

As relações de poder têm como base a imposição de uma vontade sobre o/s outro/s. Para Foucault (2008, citado por Ferreirinha & Raitz, 2010), “as relações de poder são marcadas pela disciplina e pelo controle, pois é por meio dessa disciplina que estabelecem as relações: opressor-oprimido, mandante-mandário, persuasivo-persuadido” (p. 371).

Para uma maior compreensão das relações de poder, associadas à violência doméstica, é pertinente conhecer um modelo que desenvolve estratégias de intervenção para o combate dessa violência, conhecido com a “roda do poder e controle”, como se pode ver na figura seguinte.



Figura 2 Roda de poder e controle Duluth
Obtido em: www.theduluthmodel.org/index.htm

A “roda do poder e do controlo” enquadra-se no modelo Duluth, que representa as estratégias de poder e controlo, associados ao fenómeno da violência, utilizados pelo agressor sobre a vítima. Na análise dessa roda, como se verifica na figura anterior, as ações que o agressor utiliza, nomeadamente a coação e ameaças, intimidação, abuso emocional, isolamento, filhos, privilégios masculinos, abuso económico, são para controlar e intimidar a vítima.

Como podemos ver na figura anterior, as palavras no centro da roda são o poder e o controlo, onde se pode caracterizar, neste caso, que essas relações de intimidade são constituídas por comportamentos, onde a intenção é ter poder e controlar a vítima.

De seguida, pretende-se abordar o conceito de vitimização.

2. Conceito vitimização

A violência conjugal, a violência nas relações de intimidade, a violência familiar, a violência contra menores, a violência contra a pessoa idosa, a violência de género são conceitos relacionados com a violência doméstica. Deste modo é pertinente aprofundar, primeiramente, o conceito de violência doméstica, para um maior entendimento sobre o conceito de vitimização.

A violência doméstica é considerada um comportamento violento ou um padrão de poder e controle exercido sobre a pessoa com quem se habite no mesmo agregado familiar (companheiro/a, namorado/a, filho/a, pai/mãe, avô/avó). Neste tipo de violência está sempre presente um agressor e uma vítima.

De acordo com o II Plano Nacional Contra a Violência Doméstica 2003³, a violência doméstica é entendida como

toda a violência física, sexual ou psicológica que ocorre em ambiente familiar e que inclui, embora não se limitando, os maus-tratos, abuso sexual de mulheres e crianças, violação entre cônjuges, crimes passionais, mutilação sexual feminina e outras práticas tradicionais nefastas, incesto, ameaças,

³ O III Plano Nacional Contra a Violência Doméstica foi definido para o horizonte temporal entre 2007-2010, onde trabalhou a promoção da cidadania e da igualdade, do reforço de campanhas de informação e de formação, do apoio e acolhimento das vítimas numa lógica de reinserção e autonomia. O IV Plano Nacional Contra a Violência Doméstica implantado entre 2011-2013, promoveu a adoção de medidas estratégicas em relação à prevenção, às situações de risco, à qualificação de profissionais e à intervenção em rede. O V Plano Nacional Contra a Violência Doméstica, atualmente em vigor (2014-2017), procura delinear estratégias no sentido da proteção das vítimas, da intervenção junto de agressores/as, da qualificação dos/as profissionais envolvidos/as e do reforço da rede de estruturas de apoio e de atendimento às vítimas existente no país.

Obtido em: www.cig.gov.pt/planos-nacionais-areas/violencia-domestica/

privação arbitrária de liberdade e exploração sexual e económica. Embora maioritariamente exercida sobre mulheres, atinge também, direta ou indiretamente, crianças, pessoas idosas e outras pessoas mais vulneráveis, como os/as deficientes (Leitão, 2013, p. 27).

Perante os cenários de violência doméstica em Portugal fomentou-se a legislação direcionada para a não-discriminação de género e combate e prevenção da violência doméstica. Com isso a violência foi considerada um crime público, o que significa que basta uma denúncia, que pode ser apresentada de forma anónima (ou não) por terceiros ou pela própria vítima, para que se promova o processo criminal.

Neste sentido o Código Penal Português prevê e pune os crimes de violência doméstica:

Artigo 152º- Violência Doméstica: (1) Quem de modo reiterado ou não, infligir maus-tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, incluindo castigos corporais, privações da liberdade e ofensas sexuais: a) Ao cônjuge ou ex- cônjuge; b) A pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente mantenha ou tenha mantido uma relação análoga á dos cônjuges, ainda que sem coabitação; c) A progenitor de descendente comum em 1º grau; d) A pessoa particularmente indefesa, em razão de idade, deficiência, doença, gravidez ou dependência económica, que com ele coabite, é punido com pena de prisão de um cinco anos, se pena mais grave lhe não couber por força de outra disposição legal. (Guia de percursos e sugestões- A prevenção e Desocultação da Violência Doméstica, 2010)

A violência doméstica é, muitas vezes, mantida em segredo durante anos, e reconhecer as suas consequências é um aspeto fundamental para o apoio das vítimas. Nesse sentido existe um ciclo dessa violência, constituído por fases, que explica o movimento circular da violência.

Segundo o *Manual Pluridisciplinar: Violência Doméstica- Implicações Sociológicas, Psicológicas e Jurídicas do fenómeno* (2016), o ciclo de violência é constituído por três fases: 1º fase corresponde ao aumento da tensão, em que ocorre situações de conflitos que dão origem a discussões, envolvendo críticas, insultos, humilhações, agressões físicas, com objetivo de manter um controlo sobre a vítima; a 2º fase corresponde ao ataque violento, que se inicia com a violência verbal e posteriormente transforma-se em diferentes tipos de violência, onde agressor exerce

controle sobre a relação; e a 3º fase corresponde à reconciliação, em que depois dos atos violentos, o agressor mostra-se arrependido, promete não ser mais violento, oferece presentes e demonstra atitudes carinhosas. A vítima, por vezes, acredita na possibilidade de mudança e dá uma nova oportunidade à relação.

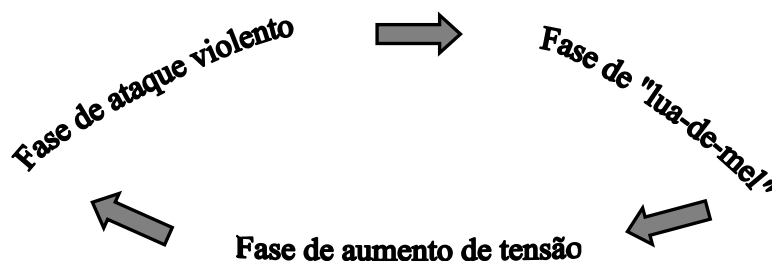


Figura 3- Ciclo da violência

Segundo Gonçalves (2016), “a complexidade das diferentes formas de violência doméstica não se restringe a esse ciclo, pois não existe um modelo específico que possa ser aplicado a todas as situações, considerando que cada situação tem a sua própria dinâmica” (p. 42).

Relativamente ao conceito de vitimização, destacamos que nos remete para estudo da vítima, abrangendo a vítimas em diferentes aspetos: psicológico, social, económico, jurídico.

A vitimização pode ser vitimização primária, vitimização secundária e vitimização terciária. Para Oliveira (1999, citado por Gonçalves, 2016), “a vitimização primária refere-se aquela que foi causada pelo cometimento da agressão, causando danos físicos, psicológicos à vítima; a vitimização secundária refere-se aquela produzida pelas instâncias de controle social e pelos sistemas de justiça criminal, onde acabam agravando o sofrimento da vítima por estar entre a justiça criminal ou esquecer o ocorrido; e a vitimização terciária decorre da ausência de assistência familiar, social e psicológica à vítima, vitimizando assim ainda mais a própria vítima” (p. 43).

A ONU⁴ em 29 de novembro de 1985, instituiu os princípios básicos de justiça relativos às vítimas da criminalidade e do abuso do poder, justificando que por haver muitas pessoas em todo mundo com prejuízos decorrentes de crimes desta natureza, motivou deste modo para a criação de medidas que visam garantir o reconhecimento

⁴ Organização das Nações Unidas.

universal e eficaz dos direitos das vítimas da criminalidade e de abuso de poder (citado por Fernandes, 2014, p. 391):

1º medida- Criar medidas de assistência social, da saúde, incluindo a saúde mental, da educação e da economia, bem como medidas especiais de prevenção criminal para reduzir a vitimização e promover a ajuda às vítimas em situação de carência;

2º medida- Incentivar os esforços coletivos e a participação dos cidadãos na prevenção do crime;

3º medida- Examinar regularmente a legislação e as práticas existentes, a fim de assegurar atos contrários às normas internacionalmente reconhecidas no âmbito dos direitos do homem, do comportamento das empresas e de outros atos de abuso de poder;

4º medida- Estabelecer e reforçar os meios necessários à investigação, à prossecução e à condenação dos culpados da prática de crimes;

5º medida- Promover a divulgação de informações que permitam aos cidadãos a fiscalização da conduta dos funcionários e das empresas e promover outros meios de acolher as preocupações dos cidadãos;

6º medida- Incentivar o respeito dos códigos de conduta e das normas éticas, e, nomeadamente, das normas internacionais, por parte dos funcionários, incluindo o pessoal encarregado da aplicação das leis, o dos serviços penitenciários, dos serviços médicos e sociais e das forças armadas, bem como por parte do pessoal das empresas comerciais;

7º medida- Proibir as práticas e os procedimentos que favorecem os abusos;

8º medida- Colaborar com os outros Estados, no quadro de acordos de auxílio judiciário e administrativo, em domínios como o da investigação e o da prossecução penal dos delinquentes, da sua extradição e da penhora dos seus bens para os fins de indemnização às vítimas

De seguida, para aprofundar a temática e perceber melhor as diversas formas de violência, frequências, intensidades e gravidades, iremos descrever as diferentes tipologias de violência, classificadas em violência física, violência psicológica, violência social, violência económica e violência sexual.

3. Tipos de Violência

A violência é reconhecida como um problema social e configura situações em que é exercido o poder e o controlo, que se podem traduzir em vários tipos de agressões,

como físicas, psicológicas, social, económica e sexual, efetuadas ou baseadas em ameaças e intimidações.

Para a OMS (2002), a violência “é o uso deliberado da força física ou do poder, que pode ser real ou em ameaças, contra si mesmo, contra os outros ou contra um grupo ou comunidade, que cause tenha possibilidades de causar lesões, morte, danos psicológicos, transtornos de desenvolvimento ou privação” (p. 5).

Muitas formas de violência podem gerar problemas tanto psicológicos, físicos e sociais, em que estas situações podem durar por anos, afetando as vítimas em si, as famílias e a comunidade.

3.1. Violência física

A violência física é baseada na força física sobre a vítima, com a intenção de a ferir e magoar através de empurrões, bofetadas, puxões de cabelo, pontapés, morder entre outros.

De acordo com o *Manual Pluridisciplinar: Violência Doméstica- Implicações Sociológicas, Psicológicas e Jurídicas do fenómeno* (2016), a violência física consiste no “uso da força física, que deixa ou não marcas evidentes, englobando atos como puxar pelo cabelo, apertar o braço/pescoço, bater com a cabeça na parede ou superfícies, entre outros comportamentos do menos severos até a extremamente severos” (p. 32).

Essa violência acontece num relacionamento onde há um controlo excessivo sobre o outro utilizando o abuso físico para alcançar tudo o que se pretende, que provavelmente vai se agravando com o tempo, sendo o abuso cada vez mais severo.

3.2. Violência psicológica

Na violência psicológica há o uso de certas palavras e comportamentos que põem em causa a dignidade e a identidade da pessoa, causando assim sofrimento psicológico. Na violência psicológica há manifestações de ameaças contra a integridade física ou contra a vida da pessoa, desprezo, menosprezo, injúria, críticas negativas face a todas as ações, insultos, humilhações, gritos para atemorizar a vítima (Paulino & Rodrigues, 2016).

Neste tipo de violência, a agressão pode não deixar marcas ou danos físicos, mas deixa marcas emocionais graves na pessoa. Apesar de ser considerado socialmente normal e comum haver discussões nos relacionamentos e o uso de palavras ofensivas durante a discussão, há diferenças entre uma discussão normal e uma discussão onde há

um abuso psicológico com utilização de palavras com a intenção de intimidar a vítima para deste modo poder obter o controlo sobre a mesma. Essa obtenção desse poder e controlo pode ser muitas vezes obtido por diminuição ou falta de autoestima da vítima.

3.3. Violência social

A violência social refere-se à violência com a intenção de controlar a vida social de outra pessoa e consubstancia-se em comportamentos que visam proibir a vítima de estar com amigos, de visitar familiares, controlar mensagens e chamadas, promovendo assim isolamento da vítima.

Segundo o *Manual Pluridisciplinar da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género* (2016), esse tipo de violência resulta das estratégias implantadas pelo agressor para afastar a vítima da sua rede social e familiar. O objetivo desse afastamento será para a vítima ficar mais facilmente controlada e manipulável e também mais só e fragilizada.

Nesse sentido, tendo a vítima isolada tanto dos amigos como da família, será mais fácil controlar e manipular a vida da mesma.

Nesse tipo de violência pode, também, estar presente a proibição da vítima se ausentar de casa, de trabalhar fora de casa, promovendo-se o seu afastamento do convívio com as pessoas próximas. Nesse contexto a vítima acaba por se afastar dos outros permitindo ao agressor ter um maior controlo sobre sua vida social (Paulino & Rodrigues, 2016).

3.4. Violência económica

A violência económica refere-se à violência com intuito de controlar o dinheiro da outra pessoa, neste sentido, o agressor exige justificação dos gastos e recusar dar dinheiro ao outro.

Esse tipo de violência, normalmente é menos viável para as vítimas com emprego ou bom sustento financeiro. No entanto, podem verificar-se situações onde o agressor proíbe a vítima de arranjar emprego ou de estudar (Paulino & Rodrigues, 2016).

Esse tipo de violência é considerado uma forma de controlo sobre a vítima, tentando tirar a sua autonomia e independência financeira. Mesmo que a vítima tenha um emprego, o agressor não lhe permite ter uma gestão autónoma do próprio dinheiro. Esse controlo passa até a comportamentos severos, nomeadamente controlo sobre a

alimentação e higiene pessoal, mantendo o frigorífico e armários de comida fechados à chave e estabelecendo horário para o esquentador estar ligado.

3.5. Violência sexual

A violência sexual baseia-se na prática ou imposição de atos sexuais não consentidos pelo outro ou tentativa de atos sexuais indesejados, ou seja, onde há o uso de pressão para que a outra pessoa tenha relações sexuais ou contactos sexuais sem desejar.

Segundo a OMS (2002), a violência sexual é definida como “qualquer ato sexual, tentativa de obter um ato sexual, comentários ou investidas sexuais indesejados, ou atos direccionados ao tráfico sexual ou, de alguma forma, voltados contra a sexualidade de uma pessoa usando a coação, praticados por qualquer pessoa independentemente de sua relação com a vítima, em qualquer cenário, inclusive em casa e no trabalho” (p. 147).

Nesse tipo de violência também está presente o uso de comentários sexuais, insinuações sexuais, chantagens, ameaças e até mesmo comportamentos extremamente severos, como forçar a vítima a ter relações sexuais com outras pessoas, queimar os órgãos sexuais da vítima, obrigar a vítima a se prostituir, entre outros.

No capítulo seguinte iremos focar nas relações de intimidade, abordando os conceitos de juventude e namoro, a violência nas relações de intimidade, os modelos teóricos da violência e por fim as crenças e percepções sociais da violência.

Capítulo II

As relações de intimidade

O ser humano é um ser que, naturalmente, precisa e deseja se relacionar, buscando amor, afeto e atenção. Desde o nascimento, o ser humano precisa de amor e afeto para o seu crescimento e desenvolvimento emocional. Desta forma tem a figura materna (ou seu substituto) que lhe transmite a primeira ideia do amor. Nesse sentido, nas suas relações futuras, o ser humano procura essa ideia de amor, ou seja, de amar e de ser amado por alguém, procurando confiança e segurança face a uma relação de

intimidade, de envolvendo com alguém, de aceitação do outro. Essa idealização surge, normalmente, a partir da imagem de casal transmitida pelos pais, sobre a qual posteriormente será construído um modelo de relação entre duas pessoas.

Mas antes de mais, considera-se importante fazer uma contextualização sobre as relações de intimidade, abordando o conceito de juventude e de namoro, de forma a compreender melhor o tema. Na juventude há uma conquista pela autonomia psicológica e emocional, onde as relações de intimidade que são estabelecidas nesse período, conferem uma segurança emocional e, de alguma forma, participam na afirmação de um estatuto de pessoa mais autónoma e mais próxima do modelo tradicional de adulto.

1. Jovens e as relações de intimidade

A juventude acaba por ser considerada uma categoria social e os jovens como sendo uma unidade social, com uma determinada origem e determinado contexto social. Segundo Pais (1990) a sociologia da juventude tem duas perspetivas: a juventude considerada um conjunto social, constituído por indivíduos pertencentes a uma determinada fase da vida, com aspetos uniformes e homogéneos; a juventude considerada como um conjunto social diversificado em função de diferentes culturas, classes, situação económica, interesses, oportunidades ocupacionais.

A juventude tem sido caracterizada como uma fase marcada por instabilidades, responsabilidades e problemas, tanto a nível ocupacional (formação profissional, ingresso no mercado de trabalho), habitacional (viver com os pais, obtenção de uma casa própria), familiar (independência em relação ao pais), afetiva e sociais (delinquência, drogas).

Segundo Pais (1990), os problemas que mais afetam os jovens na atualidade são a entrada no mundo do trabalho, acrescentando que a dificuldade para esse acesso se reflete na dificuldade ao acesso à habitação.

Um jovem, normalmente, encontra-se em transição a conquista da sua autonomia tanto psicológica, física e emocional, formação da sua identidade e afirmação pessoal. Nessa transição sucedem mudanças na forma como o jovem vê si próprio, aos outros e ao mundo.

Para Levinson (1986) essa transição que acontece na vida do jovem é dividida em períodos formando a estrutura do ciclo de vida e permitindo ter variações no curso de vida do mesmo. O primeiro período dura até aos 20 anos, e é definido como sendo a

Transição Adulto Precoce. Nesse período, o jovem começa a desenvolver-se como adulto, definindo o seu lugar no mundo adulto e ganhando maturidade. O segundo período é entre os 17 e os 45 anos, e é designado de *Transição Idade Adulta Jovem*. Nesse período há muita energia e um maior contradição e stresse, por ser considerada uma fase alta no ciclo de vida. Ainda nessa fase há uma satisfação face ao amor, criação de uma vida familiar, formação de uma ocupação profissional. O terceiro período começa aos 45 anos e dura até aos 65 anos, sendo definido de *Transição Idade Adulta Média*. Nesse período começa a verificar uma diminuição nas capacidades, mas ainda há uma energia e satisfação na vida pessoal e social. E o ultimo período começa aos 65 anos e é definido como *transição Idade Adulta Tardia*. Nesse período, Levinson (1986) não fez nenhuma discussão a respeito.

De entre as diversas mudanças que ocorrem na juventude, direcionado às relações de intimidade - principalmente amizade e namoro, surge um desenvolvimento de sentimentos, laços de segurança e comprometimento. Diante disso, é pertinente referenciar a compreensão das relações de intimidade nesta fase do desenvolvimento.

É nas relações de intimidade que os jovens se descobrem a si mesmos em relação à sexualidade e à intimidade. O namoro trata-se de um relacionamento afetivo e sexual entre duas pessoas, que pode ser duradouro ou não, saudável ou prejudicial.

Segundo Oliveira e Sani (2005), namorar refere-se a uma das atividades centrais na vida de muitos jovens, a identidade depende, em parte, das diferentes experiências que têm. Os jovens podem entrar nas suas relações íntimas com expectativas de amor, amizade, sexo e felicidade.

As relações de intimidade envolvem elementos que posteriormente resultam de sentimentos tanto para si mesmo como para o outro. Para Costa (2005, citado por Almeida & Caldas, 2012), as relações de intimidade implicam sentimentos de afeto, confiança e partilha, que são considerados elementos necessários para a manutenção dessas relações ao longo do tempo (p. 739).

De acordo com Béjim (1987, citado por Bertolo & Barbara, 2006), as relações íntimas vêm sofrendo alterações ao longo da história. Antes o namoro consistia numa relação controlada pelos pais antes do casamento e atualmente muitas relações interpessoais que não têm estas características são designadas de namoro (p. 230).

Hernández (2001, citado por Sá, Ventura & Veríssimo, 2013, p. 46) define o namoro como um processo, dividido nas seguintes fases: a 1ª fase é caracteriza-se pelo predomínio da atração física; a 2ª fase o namoro é mais estável, e é compartilhado com

os amigos de mesma idade; a 3ª fase caracteriza-se pela diminuição dos encontros e convívios dos grupos de amigos; a 4ª fase predomina uma relação menos partilhada com os amigos, com aumento de intimidade e compromisso.

Concluído a contextualização sobre as relações de intimidade, é relevante agora abordar, especificamente, a violência nas relações de intimidade.

2. Violência nas relações de intimidade

A violência nas relações de intimidade ocorre entre os adolescentes, os jovens e os adultos, envolvidos em diferentes tipos de relacionamentos íntimos.

Segundo a OMS (2002, citado por Leitão, 2013), a violência nas relações de intimidade é “um tipo de violência que é exercida por um parceiro íntimo e que causa um prejuízo ou sofrimento físico, psicológico ou sexual” (p. 26).

Esta forma de violência pode ser perpetrada tanto por homens como por mulheres, podendo ser perpetrada também nas relações de intimidade entre pessoas do mesmo sexo.

Para Johnson (2008, citado por Leitão, 2013, p. 26) existe três tipos de violência nas relações de intimidade, envolvendo poder e controlo: (I) O *terrorismo íntimo*, que se verifica quando há a intimidação, abuso emocional, abuso económico, isolamento, a minimização, a negação e a culpa; (II) A *resistência violenta*, é quando há uma defesa ou reação instintiva da vítima com o uso de violência, face a uma situação de violência; (III) A *violência situacional*, que se observa quando há conflitos na relação e daí leva um dos dois a reagirem com violência.

A violência nas relações de intimidade é considerada um problema que afeta diversas pessoas, com consequências na saúde e no bem-estar, não só da vítima em si, mas também da família e da comunidade.

Segundo o *Guia de Percursos e Sugestões - A Prevenção e Desocultação da Violência Doméstica* (2010), a violência no namoro constitui um “bom preditor da violência conjugal, que implica sérios danos a curtos ou longos prazos como distúrbios do comportamental alimentar, stress pós-traumático, perturbações emocionais e comportamental sexuais de risco” (p. 14).

A violência nas relações de intimidade é ainda considerada um fenômeno silencioso. De acordo com WHO⁵ (2010, citado por Leitão, 2013), “tendo em conta a natureza íntima das relações, este tipo de violência é muitas das vezes ocultado, dando origem a consequências significativas” (p. 28).

Esse tipo de violência pode influenciar futuramente um desenvolvimento negativo do jovem, tanto a nível comportamental, psicológico, académico, profissional. Nesse contexto podem referir-se algumas possíveis consequências que violência nas relações de intimidade tais como: elevado grau de aproximação e controlo sobre o outro, elevada longevidade da relação de intimidade, elevada frequência de comportamentos violentos, redução da autoestima, elevado grau de desconfiança e insegurança relativamente ao outro.

Segundo o *Manual Pluridisciplinar: Violência Doméstica - Implicações Sociológicas, Psicológicas e Jurídicas do fenómeno* (2016), as diversas consequências traumáticas referentes a situações de violência podem ser danos físicos, corporais e cerebrais, por vezes irreversíveis, alterações dos padrões de sono e perturbações alimentares, disfunções sexuais, distúrbios de ansiedade, isolamento social, comportamentos depressivos, sentimentos de medo, vergonha, culpa.

Na violência do namoro não há um perfil específico e característico para as vítimas de violência, mas é possível organizar um conjunto de aspetos que são frequentes nos jovens com experiência de violência nas relações de intimidade. Estes aspetos são constituídos por fatores de risco, onde cada situação de violência varia de acordo com o fator de risco específico: individuais, relacionais, comunitários e sociais.

Os fatores de risco individuais têm como base as características pessoais de cada indivíduo envolvido em contexto de violência, tais como a idade, o género, a cultura, o nível de escolaridade, a autonomia pessoal. Para a OMS (2002), tendo em conta que nestes fatores há características biológicas, psicológicas e comportamentais, os comportamentos violentos podem surgir na infância ou na adolescência.

Relativamente aos fatores de risco relacionais, a OMS (2002) considerou que estes podem potencializar o comportamento de vitimização, no sentido em que o ambiente familiar, o comportamento dos pais, a influência dos colegas ou dos amigos podem contribuir para o comportamento violento. Nesse tipo de fatores de risco podem destacar-se, por exemplo, o domínio e controlo masculino na família e a instabilidade ou difusão familiar.

⁵ World Health Organization.

Os fatores de risco comunitários referem-se aos contextos sociais onde ocorre as relações sociais, nomeadamente as sanções comunitárias, a densidade populacional, a mobilidade residencial e o nível de desemprego. Relativamente à violência, a maneira como uma determinada comunidade responde a esse fenómeno pode afetar os níveis de abuso da mesma (OMS, 2002). Normalmente, nas comunidades onde há baixos níveis de violência, esta não é legitimada, o que pode traduzir-se no apoio tanto à vítima como à família.

Os fatores de risco sociais têm como base a família e grupo de pares, contextos onde cada indivíduo tem um papel social e os conflitos nesses contextos podem concorrer para o estabelecimento de relações de intimidade saudáveis ou não. Como exemplo de fatores de risco sociais podem destacar-se a autonomia e mobilidade da mulher, as normas sociais perante a violência, desigualdades de género.

A OMS (2002) apresentou, no Relatório Mundial sobre a Violência e Saúde, o estudo de Levinson de 1989, onde se concluiu que os níveis de violência são mais elevados nas sociedades onde há desigualdades económicas entre homens e mulheres, autoridade masculina sobre o lar e utilização da violência para resolver conflitos.

Segundo a ONU (2013, citado por Leitão, 2013) os fatores de risco aumentam a probabilidade de alguém se tornar vítima ou perpetrador da violência nas relações de intimidade. De igual modo os fatores de proteção protegem do risco de alguém se tornar perpetrador ou vítima (p. 32).

Depois de analisar um breve enquadramento sobre a violência nas relações de intimidade, consideramos fundamental abordar de seguida os modelos teóricos da violência nas relações de intimidade.

3. Modelos teóricos da violência nas relações de intimidade

Neste ponto abordar-se-á as perspetivas teóricas explicativas da violência nas relações de intimidade: a teoria da vinculação (relações interpessoais que se estabelecem ao longo do ciclo de vida), a teoria da aprendizagem social (aprendizagem e interações num determinado meio) e a teoria sociocultural (organizações sociais e culturais).

3.1. Teoria da vinculação

A vinculação é um conceito muito pertinente relativamente ao desenvolvimento humano, pois um vínculo mal formado na infância traz transtornos no desenvolvimento e relacionamento futuro da pessoa face a um parceiro. Neste sentido, as vivências e experiências de cada pessoa desde o nascimento influenciam a sua perspetiva de ter uma relação futura com outra pessoa.

A teoria do vinculação original refere-se a um estudo sobre o cuidado materno na primeira infância e os efeitos ao desenvolvimento. Este estudo foi conduzido pelo psiquiatra John Bowlby (1907-1990). Segundo a teoria daí decorrente, as crianças formam representações mentais, baseadas nas vivências e experiências com figuras primárias na infância, e posteriormente essas representações servirão de modelo para futuras relações.

De acordo com Bowlby, (1969, citado por Oliveira, 2015), as crianças criadas com afeto e carinho com figuras que dão resposta às suas necessidades físicas e emocionais, aprendem a generalizar esses modelos em relações futuras, com outros adultos e com os seus pares (p. 84).

Nesse contexto, Ehrensaft (2008, citado por Oliveira, 2015) complementa, referenciando que as criança que sofrem de maus-tratos em casa, terão maior probabilidade de terem intenções ou atitudes hostis e terão maiores dificuldades em resolver problemas sociais futuramente (p. 85).

Bowlby (1988/1989, citado por Ramires & Schneider, 2010) considerou

a vinculação como um tipo de vínculo, que controla os comportamentos que envolvem figuras de apego e do sentimento de segurança. Neste caso, os indivíduos seguros apresentam interações e relações mais seguras. Os indivíduos inseguros têm dificuldades nas relações com outras pessoas (p. 26).

Um conceito ligado à vinculação é o conceito de vinculação adulta, que refere-se a uma consequência de um vínculo social adquirido na primeira infância. Para Weiss (1982, citado por Canavarro, Dias & Lima, 2006) há diferenças entre o vínculo na infância e o vínculo na idade adulta, em que no vínculo na idade adulta, as relações são tipicamente estabelecidas entre pares, apontando também que, muitas vezes, envolvem dimensões de envolvimento sexual.

A avaliação do vínculo na idade adulta tem tido um grande grau de interesse nas sociedades atuais. De acordo com os autores Canavarro, Dias e Lima (2006) essa

avaliação é baseada em três aspectos: nas relações com os pais durante a infância; nas relações com figuras de vinculação específicas nomeadamente os pais e os pares na adolescência; e na idade adulta e na vinculação com o companheiro/a.

McCarthy e Taylor (1999, citado por Paiva & Figueiredo, 2003), acrescentam que “o efeito de experiências negativas na infância presente nas relações íntimas durante a idade adulta é medido pelo padrão de vinculação “insegura”, construído na infância” (p. 172).

Nesse sentido pode afirmar-se que a qualidade das relações íntimas depende dos tipos de vinculações de cada indivíduo ao longo da sua vida.

Para Hazan e Shaver (1987, citado por Paiva & Figueiredo, 2003, p.172), os indivíduos com o tipo de vinculação “seguro” caracterizam as suas relações íntimas como felizes e confiáveis; indivíduos com o tipo de vinculação “inseguro” caracterizam as suas relações íntimas como menos felizes e menos satisfatórios; indivíduos com o tipo de vinculação “evitante” referem ao medo e os indivíduos do tipo “ansioso/ambivalente” caracterizam as suas relações íntimas com os ciúmes.

3.2. Teoria da Aprendizagem Social

O meio social em que o ser humano está inserido contribui para o seu desenvolvimento, contextos como família, escola, amigos e comunidade vão contribuir para esse desenvolvimento.

A teoria da aprendizagem social parte do princípio que as crianças imitam o comportamento exibido pelos adultos. Ou seja, as crianças observam as pessoas ao redor e depois imitam os seus comportamentos. Nesse sentido, a família surge como o elemento essencial de aprendizagem e o principal meio onde a criança assiste, vivência e aprendem os comportamentos.

Na problemática da violência nas relações de intimidade, a teoria da aprendizagem social defende que quando as crianças crescem e são expostas a comportamentos agressivos ou situações de violência, haverá uma maior probabilidade de elas reproduzirem esses mesmos comportamentos no seu futuro.

Segundo Bandura (2010, citado por Oliveira, 2015), as crianças que assistem a agressões na família, aprendem que a agressão é um comportamento legítimo para resolver problemas, estas mesmas crianças podem também ver comportamentos violentos reforçados por parte dos pais (p. 87).

Oliveira e Sani (2009, citado por Oliveira, 2015) acrescentam, referindo que as crianças expostas a situações de violência, têm um maior possibilidade de reproduzirem certos comportamentos violentos nas suas relações íntimas futuras.

Se uma criança vive num ambiente onde existem episódios de violência ou comportamentos agressivos constantemente, esses comportamentos serão observados e aprendidos pela mesma, e posteriormente poderá verificar-se a imitação desses mesmos comportamentos nas futuras relações. Nesse sentido a violência será vista como um comportamento aceito.

Essa aprendizagem tem o nome de modelagem e é explicada, segundo Wolf e Foshee (2003, citado por Oliveira, 2015, p. 86), por fases: (1) observação do comportamento; (2) lembrança do comportamento observado anteriormente; (3) realização do comportamento observado; (4) recompensa ou punição da realização do comportamento.

A teoria da aprendizagem social fornece explicações face à violência nas relações de intimidade, e verifica-se não só na família mas também no grupo de pares e em outras influências que afetam o comportamento,

3.3. Teoria Sociocultural

Na teoria sociocultural sobre a problemática da violência nas relações de intimidade está inserida uma teoria que é considerada pioneira no reconhecimento de aspetos sociais e culturais nesse tipo de violência - a *teoria feminista*.

A teoria feminista é um dos modelos relevantes sobre a violência nas relações de intimidade, abordando especificamente a violência contra as mulheres, assim como o poder e o controlo que é exercido pelo sexo masculino sobre o sexo feminino.

Segundo Barak (2003, citado por Oliveira, 2015), existem investigadores que acreditam e descobriram que homens e rapazes aceitam como legítimas, a violência e atitudes negativas para com as mulheres.

Segundo as perspetivas feministas, a violência resulta de um conjunto de valores culturais. Nessa lógica, Marin e Russo (1999, citado por Caridade & Machado, 2013, p. 97), referem que esse conjunto de valores são patriarcais, que se foram institucionalizando a vários níveis e de diversas formas: sociais (sistema legal, instituição e estruturas sociais), intergeracionais (valores patriarcais transmitidos de geração a geração), culturais (reprodução e reforço dos valores patriarcais) e individuais (incorporação e reprodução individual dos valores patriarcais no quotidiano).

Nesse sentido pode-se afirmar que a teoria feminista tenta explicar que a problemática de violência nas relações íntimas assenta nas influências patriarcais, da tolerância à violência.

Corvo e deLara 2010 (citados por Oliveira, 2015), explicam que as teorias feministas assentam no pressuposto de que a sociedade é patriarcal (o pai como o símbolo de autoridade), que haja uma dominação de um género sobre o outro. Assim, o género feminino é considerado inferior ao masculino e a permanência da ideia de que os homens são socializados para o domínio e o controlo das mulheres, variando de cultura para cultura, através de influências e valores culturais.

Desta forma, as perspetivas feministas têm uma grande importância e contributo na análise sobre o género e a violência, referenciando que são os valores patriarcais que promovem desigualdades de género nas sociedades e que as perpetuam.

4. Crenças e perceções sociais da violência nas relações de intimidade

Uma crença pode ser definida como sendo um pensamento ou sentimento para acreditar ou considerar algo como sendo verdadeiro. As crenças de cada pessoa dependem do contexto no qual se está inserido e das interações estabelecidas nestes contextos.

Relativamente à violência nas relações de intimidade refere-se a conjunto de convicções sobre estas relações que podem afetar igualmente adolescentes, jovens e adultos. Mas a perceção que cada um desse tipo de população tem sobre o fenómeno não são necessariamente semelhantes. Nesse sentido é importante salientar que tantos as mulheres como os homens podem ser vítimas, independentemente do género.

Segundo Machado, Sani e Oliveira, 2010 (citados por Oliveira, 2015), o fenómeno da violência está ligado às representações sociais, dado que estas condicionam de forma positiva ou negativa a sua perceção, ou seja, ao significado que cada indivíduo atribui às suas experiências com base nas suas vivências passadas.

A forma como a violência nas relações de intimidade é interpretada e encarada depende das crenças e perceções de cada indivíduo sobre o mesmo, pois se a violência é tolerada no contexto social, este facto influencia a maneira que o indivíduo age face à problemática e à maneira de vivenciar as relações futuras.

Na infância, o castigo corporal é, possivelmente, a primeira experiência de violência. Neste sentido, Straus (2008, citado por Oliveira, 2015) refere que a criança assume a punição física como algo aceitável e como medida corretiva do

comportamento. Os pais caracterizam essa punição como um recurso aceitável para resolução de conflitos familiares e educação dos filhos.

O contexto familiar assume um papel importante na legitimação da violência. Se as crianças aprovam o uso de castigos corporais existe uma maior probabilidade de usarem a violência para resolver conflitos. Com base na teoria de Bandura, que já foi mencionado anteriormente, pode afirmar-se que os jovens que perceberam ou que percebem atos agressivos no contexto familiar, têm maior probabilidade a tolerar esses atos agressivos nas suas relações de intimidade ou a desenvolver atitudes legitimadoras da violência.

A cultura também assume um papel importante na legitimação da violência, no sentido em que as normas e os valores transmitidos afetam os níveis de violência na sociedade. Segundo a OMS (2002), se endossar a violência como um método normal de resolver conflitos nos jovens, eles adotarão normas e valores que apoiam o comportamento violento. Por isso para combater esta problemática deve-se, neste caso, modificar as normas e os valores culturais que legitimam a violência.

Muitos casos de violência são, por vezes, justificados culturalmente através da noção do papel do homem e da mulher na sociedade. A OMS (2002) ilustra algumas dessas justificações culturais, nomeadamente que as mulheres devem cuidar dos filhos e dos seus lares, mostrar obediência e respeito ao marido, caso contrário o marido pode punir a sua mulher com o uso de violência. Perante isto pode-se afirmar que a própria cultura pode dar ao homem poder sobre o sexo feminino.

As crenças e percepções sociais que legitimam a violência nas relações de intimidade aumentam o risco de haver cada vez mais casos de violência, havendo sempre desculpabilização do agressor, negação da gravidade do problema, não reconhecer os comportamentos violentos e não fazer denúncia.

Parte II

Parte empírica

A primeira parte desta investigação o enquadramento teórico foi dividido em dois capítulos, um referente às assimetrias nas relações de intimidades e o outro referente às relações de intimidade. Concluído o enquadramento teórico, que fundamenta a investigação, direcionamos agora o nosso trabalho para a parte empírica, que desenvolvemos sobre a perceção dos jovens do ensino superior sobre as assimetrias nas relações de intimidade.

Como já referimos anteriormente, a violência nas relações de intimidade tem sido reconhecida como um problema social, que tem atingido dimensões preocupantes. Nesse sentido uma intervenção face a esse fenómeno, contempla diversos níveis e implica diversos agentes envolventes, partindo também, neste caso, de uma perspectiva alargada, envolvendo diferentes contextos: familiar, escolar e social.

Capítulo III

Decisões metodológicas

Este ponto descreve todo o processo utilizado na investigação, onde serão indicadas a justificação do estudo, a natureza do estudo, a questão problema, os objetivos, as hipóteses, a técnica de recolha de dados utilizada e por último o tratamento e interpretação dos dados.

Segundo Morais (2013), nesta fase é importante que as decisões relativas aos procedimentos realizados sejam “descritos de forma clara e objetiva, descrevendo como se vão obter os dados e os dados esperados, acrescentando que uma metodologia bem estruturada ajuda o investigador a cumprir metas e dar resposta a grande parte dos objetivos pretendidos” (p. 5).

De seguida apresentaremos a justificação do estudo, ilustrando a pertinência e a prevalência da temática.

1. Justificação do estudo

A violência não é um conceito novo, sendo um fenómeno complexo que abrange diversos subsistemas (família, escola, amigos, comunidade) a intervenção no mesmo tem que ser articulada a diversos níveis, para que possa ser eficaz e eficiente.

A investigação sobre a temática da violência, nas suas diversas manifestações, tem vindo a aumentar de forma considerável. Relacionada com a violência doméstica, a temática da violência nas relações de intimidade é uma área de investigação recente e tem sido reconhecida como um problema social, que atualmente tem abrangido jovens de diversos níveis socioeconómicos e socioculturais. Por este tipo de violência ter um impacto significativo na saúde e no desenvolvimento dos jovens, torna-se importante haver intervenções não só com os jovens mas também com outros agentes envolventes, como pais, amigos, professores, outros agentes educativos e a comunidade.

Já há algumas investigações produzidas em Portugal, que demonstram que as faixas etárias mais jovens não estão imunes à violência, das quais destacamos as que a seguir se apresentam:

- ✓ “Transmissão Intergeracional da Violência” de Oliveira (2015) - estudo com uma amostra de 1476 jovens do ensino secundário e profissional, com idades compreendidas entre os 15 e os 20 anos;
- ✓ “Violência no namoro” de União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR, 2010) - estudo realizado no distrito do Porto, para analisar a prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro. Constituído por amostra de 413 jovens do ensino básico e secundário, com idades compreendidas entre os 11 e os 18 anos;
- ✓ “A prevalência da violência do namoro” de Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV, 2006) - estudo realizado com 11 escolas dos concelhos de Porto, Matosinhos, Santo Tirso, Paredes, Paços de Ferreira, Vila do Conde e Vila Nova de Gaia, para analisar a prevalência da agressão emocional e verbal nas relações de intimidade. Constituído por uma amostra de 579 jovens, com idades compreendidas entre os 14 e os 21 anos;
- ✓ “Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas” de Oliveira e Sani (2005) - estudo composto por 227 jovens estudantes da

- ✓ Universidade Fernando Pessoa (Porto), com uma média de idades de 24 anos. Tendo como objetivo analisar os comportamentos violentos que podem ocorrer nas relações amorosas desse tipo de população, do ponto de vista das vítimas e dos agressores.

É nesse sentido que se pretende realizar essa investigação para verificar, analisar e compreender a temática da violência nas relações de intimidade na cidade de Bragança, sendo que ainda não foram realizados estudos sobre o fenómeno da violência nas relações de intimidade com jovens do ensino superior neste contexto. O trabalho que essa investigação pretende realizar é junto dos jovens, para analisar as suas mentalidades e comportamentos e posteriormente contribuir para a criação de medidas de prevenção e de intervenção.

2. Natureza do estudo

A investigação é de natureza quantitativa e a opção por esta abordagem metodológica permitiu obter uma abordagem focalizada e estruturada através da obtenção de respostas a um questionário que teve um tratamento estatístico/numérico.

De acordo com Coutinho (2013, citado por Oliveira, 2015), “uma investigação quantitativa centra-se na análise de factos e fenómenos observáveis e na avaliação de variáveis comportamentais possíveis de serem medidas, comparadas e relacionadas no processo da investigação empírica” (p. 120).

Tendo em conta a especificidade da investigação, optou-se pelo inquérito por questionário, por permitir abranger um grande número de pessoas e obter informações menos detalhas e estruturadas.

Segundo Victora, Knauth e Hassen (2000) uma das potencialidades distintas da investigação quantitativa é “a utilização de amostras de grandes portes, onde por uma serie de operações matemáticas é possível generalizar os resultados da investigação” (p. 36).

As variáveis presentes neste estudo são classificadas por variáveis dependentes e variáveis independentes. De acordo com Oliveira e Sani (2005), as variáveis

dependentes correspondem à ideia de efeito produzido e as variáveis independentes correspondem à ideia de causa⁶, ou seja, podem influenciar as variáveis dependentes.

Tabela 1- Categorização das variáveis em estudo

Variável independente	Variável dependente
Sexo	Perceção dos jovens no ensino superior às assimetrias nas relações de intimidade
	Avaliação do comportamento pessoal
	Avaliação comportamento do/a namorado/a
	Violência física
	Violência sexual
	Violência psicológica
	Violência social
	Controlo e Poder

3. Problema , objetivos, hipóteses e amostra

A construção de um problema numa investigação permite-nos clarificar o fenómeno que queremos investigar, construindo caminhos a seguir ao longo da investigação.

Segundo Morais (2013) “um problema de investigação refere-se a qualquer questão para a qual não se conhece resposta e com isso procura-se, pelo menos, uma solução, em qualquer domínio do conhecimento” (p. 2).

Uma vez que já se tem o tema selecionado, o passo seguinte será formular o problema juntamente com as respetivas hipóteses. A fim de poder fazer uma investigação sobre a perceção de jovens do ensino superior sobre as assimetrias nas relações de intimidade, tornou-se relevante formular uma questão problema para a investigação. Nesse sentido, a questão problema seria: *Qual a perceção dos jovens do ensino superior relativamente à avaliação do comportamento pessoal e do comportamento do/a namorado/a face a situações de assimetria nas relações de intimidade (violência e controlo)?*

No sentido de obter respostas à questão problema formulada, torna-se importante definir os objetivos da investigação. O tema de estudo da investigação são as assimetrias nas relações de intimidade, focando, as relações de intimidades dos jovens estudantes do ensino superior.

⁶ As variáveis independentes correspondem à ideia de causa, apesar nem sempre ser possível encontrar nexos de causalidade entre as variáveis.

O presente estudo pretende analisar a percepção dos jovens do ensino superior face ao próprio comportamento e ao comportamento do outro, relativamente a situações no seio das relações de intimidade. Além disso, pretende-se atingir os seguintes objetivos específicos:

- analisar se há diferenças em função do sexo relativamente à percepção da violência e do controlo nas relações de intimidade;
- verificar se os jovens admitem ou não certos comportamentos violentos no outro;
- analisar se há diferenças em função do sexo relativamente ao comportamento pessoal e ao comportamento do/a namorado/a sobre a violência e o controlo nas relações de intimidade;
- verificar se os jovens reconhecem os tipos de violência, nomeadamente a violência física, violência sexual, violência psicológica e violência social;
- averiguar se a avaliação dos tipos de violência varia em função do sexo;
- averiguar se a avaliação dos tipos de violência estão correlacionados com a comportamento pessoal e ao comportamento do/a namorado;
- analisar a percepção dos jovens estudantes sobre o uso do poder e do controlo nas suas relações de intimidade.

No sentido de buscar informações capazes de responder aos objetivos delineados, foi construído um conjunto de hipóteses da investigação. Assim passamos a apresentação das hipóteses:

- ✓ H1- A variável “sexo” influencia a percepção dos jovens sobre as assimetrias nas relações de intimidade;
- ✓ H2- A avaliação do comportamento pessoal está correlacionada com a avaliação do comportamento do/a namorado/a no que se refere à percepção da violência e do controlo;
- ✓ H3- A avaliação do comportamento pessoal varia em função do sexo.
- ✓ H4- A avaliação do comportamento do namorado/a varia em função do sexo;
- ✓ H5- A avaliação da violência física varia em função do sexo;
- ✓ H6- A avaliação da violência física está correlacionada com a avaliação do comportamento pessoal e com a avaliação do comportamento do/a namorado/a;
- ✓ H7- A avaliação da violência sexual varia em função do sexo;

- ✓ H8- A avaliação da violência sexual está correlacionada com a avaliação do comportamento pessoal e com a avaliação do comportamento do/a namorado/a;
- ✓ H9- A avaliação da violência psicológica varia em função do sexo;
- ✓ H10- A avaliação da violência psicológica está correlacionada com a avaliação do comportamento pessoal e com a avaliação do comportamento do/a namorado/a;
- ✓ H11- A avaliação da violência social varia em função do sexo;
- ✓ H12- A avaliação da violência social está correlacionada com a avaliação do comportamento pessoal e com a avaliação do comportamento do/a namorado/a;
- ✓ H13- A avaliação do controlo e do poder varia em função do sexo;
- ✓ H14- A avaliação do controlo e do poder está correlacionada com a avaliação do comportamento pessoal e com a avaliação do comportamento do/a namorado/a.

4. Técnicas de Recolha de Dados

A técnica de recolha de dados escolhida para esse estudo foi o inquérito por questionário (anexo1), pois possibilita a recolha da informação sobre um grande número de pessoas , permite que as pessoas deem respostas livres e pessoais, permite comparar as respostas das mesmas. A sua construção teve como base a definição da questão problema e do enquadramento teórico da investigação.

De acordo com Victora, Knauth e Hassen (2000), a técnica mais comum de recolha de dados em estudos quantitativos é o questionário, composto por perguntas fechadas.

Os participantes foram informados dos objetivos do estudo e clarificado que a participação no estudo seria voluntária e que a sua confidencialidade e anonimato seriam efetivas. A aplicação dos questionários decorreu no mês de Maio no Instituto Politécnico de Bragança.

O questionário é composto por questões fechadas e devidamente ordenadas em categorias: quinze itens que procurar avaliar o grau de acordo ou desacordo sobre afirmações que se referem ao comportamento pessoal e quinze que procurar avaliar o grau de acordo ou desacordo sobre o comportamento do outro.

Na tabela seguinte se verifica a organização das perguntas segundo a própria percepção e a percepção do outro.

Tabela 2- Distribuição das perguntas segundo o comportamento pessoal e o comportamento do/a namorado

Comportamento pessoal	Comportamento do/a namorado/a
<u>Pergunta 18</u> - No namoro não deve haver segredos, por isso é normal eu ter acesso às mensagens, registos de chamadas, conta de email e redes sociais.	<u>Pergunta 1</u> - Quando o/a meu/minha namorado/a mexe no meu telemóvel sem autorização não é invadir a minha privacidade.
<u>Pergunta 15</u> - Proibir o/a meu/minha namorado/a de sair com os/as amigos/as para se divertirem é uma manifestação controlo.	<u>Pergunta 2</u> - É normal que o/a meu/minha namorado/a exija que eu diga sempre com quem estou e onde estou.
<u>Pergunta 3</u> - De vez em quando, nas discussões é normal que eu dê uma bofetada ao meu/minha namorado/a.	<u>Pergunta 8</u> - É normal haver discussões com empurrões de vez em quando entre eu e o/a meu/minha namorado/a.
<u>Pergunta 21</u> - Ter ciúmes constantes do/a meu/minha namorado/a é manifestação de amor.	<u>Pergunta 4</u> - Se o/a meu/minha namorado/a me proibir de falar com uma determinada pessoa por ciúmes, é uma manifestação de amor.
<u>Pergunta 5</u> - É normal que eu estrague os objetos pessoais do/a meu/minha namorado/a para manifestar que sinto falta de atenção.	<u>Pergunta 24</u> - É aceitável que numa discussão o/a meu/minha namorado/a estrague os meus objetos pessoais para chamar a minha atenção.
<u>Pergunta 25</u> - Quando eu insisto ou faço pressão para o/a meu/minha namorado/a ter relações sexuais comigo é manifestação de amor.	<u>Pergunta 6</u> - Quando o meu/minha namorado/a faz pressão ou força para ter relações é uma manifestação de desejo.
<u>Pergunta 7</u> - É dever do/a meu/minha namorado/a fazer tudo para me agradar, até mesmo aceitar alguns comportamentos violentos.	<u>Pergunta 22</u> - Numa conversa é normal que eu aceite que o/a meu/minha namorado/a fique agressivo caso eu manifeste uma opinião ou vontade discordante dele.
<u>Pergunta 29</u> - Quando eu proíbo o/a meu/minha namorado/a de vestir uma determinada peça de roupa é uma manifestação de preocupação.	<u>Pergunta 9</u> - Quando o/a meu/minha namorado/a me proíbe de vestir uma determinada peça de roupa é uma manifestação de cuidado.
<u>Pergunta 28</u> - É normal que eu faça pressão ou force um beijo ao meu/minha namorado/a.	<u>Pergunta 11</u> - É normal que o/a meu/minha namorado/a faça pressão ou me force para eu o/a beijar.
<u>Pergunta 13</u> - Eu devo informar sempre o/a meu/minha namorado/a quando quero ou vou sair.	<u>Pergunta 17</u> - Nos tempos livres é normal que o/a meu/minha namorado/a queira estar sempre comigo e exija que eu não esteja com os meus amigos.
<u>Pergunta 10</u> - É normal que eu mande mensagens ou telefone ao meu/minha namorado/a durante todo o dia, nem que seja só para saber onde está.	<u>Pergunta 16</u> - No namoro é normal que eu tenha o controlo sobre tudo o que se passa na vida do/a meu/minha namorado/a.
<u>Pergunta 23</u> - Numa discussão é normal e aceitável que eu chame nomes e faça comentários cruéis ao/a meu/minha namorado/a.	<u>Pergunta 12</u> - Haver insultos e ameaças por parte do meu/minha namorado/a é normal.
<u>Pergunta 30</u> - Se eu estou sempre a falar mal dos amigos do/a meu/minha namorado/a , é uma manifestação de cuidado.	<u>Pergunta 19</u> - Quando o/a meu/minha namorado/a fala sempre mal dos meus amigos, é uma manifestação de cuidado e preocupação.
<u>Pergunta 26</u> - Mencionar repetidamente ao meu/minha namorado/a algo negativo que ele fez no passado é considerado um ato de agressão.	<u>Pergunta 14</u> - Se o/a meu/minha namorado/a menciona repetidamente algo negativo que fiz no passado é considerado uma agressão.
<u>Pergunta 27</u> - Quando me aborreço com o/a meu/minha namorado/a , por vezes insulto/a mesmo á frente das pessoas.	<u>Pergunta 20</u> - É aceitável que se o/a meu/minha namorado/a estiver chateado ou irritado me humilhe perante outras pessoas.

O questionário está estruturado em duas partes. A primeira parte teve como objetivo recolher os dados sociodemográficos que permitem proceder à caracterização da amostra. A segunda foi estruturado com um conjunto de afirmações com o objetivo

de avaliar cinco dimensões da violência nas relações de intimidade, nomeadamente violência física, violência sexual, violência psicológica, violência sexual e controlo/poder.

Para cada uma destas dimensões foram apresentados itens que se referem à percepção do próprio e à percepção do outro. Essas dimensões podem ser descritas do seguinte modo:

Tabela 3-Distribuição das perguntas em função das dimensões da violência nas relações de intimidade presentes no questionário

	Comportamento pessoal	Comportamento do/a namorado/a
Violência Física	3	8
	7	22
Violência Sexual	25	6
	28	11
Violência Psicológica	27	20
	26	14
	23	12
	5	24
Violência Social	30	19
	13	17
	21	4
Controlo/Poder	10	16
	15	2
	29	9
	18	1

Utilizou-se a escala de Likert⁷ para obter as opiniões dos participantes, tendo a escala de resposta de 1 a 5, onde (1) refere-se a alternativa “discordo totalmente”, (2) refere-se a alternativa “discordo em parte”, (3) refere-se a alternativa “não concordo nem discordo”, (4) refere-se a alternativa “concordo em parte” e (5) refere-se a alternativa “concordo totalmente”.

Antes da distribuição do questionário foi explicado o objetivo do estudo, assim como o carácter voluntário e anónimo da respetiva participação. O tempo média para o preenchimento do questionário foi de cerca de 10 minutos. Não se verificou quaisquer dúvidas no preenchimento do mesmo, nem na interpretação das perguntas.

⁷ Quanto mais alta for a pontuação na escala de avaliação (da percepção dos jovens sobre as assimetrias nas relações de intimidade), maior é o nível de legitimação de comportamentos ou atitudes abusivas.

5. Tratamento e interpretação dos dados

Os dados quantitativos são analisados através de tratamentos estatísticos. Para o tratamento estatístico dos dados recorreu-se ao programa informático SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 20.0, onde os dados foram reunidos, com o objetivo de analisar os dados.

Tendo em conta os objetivos do estudo, utilizamos os seguintes procedimentos estatísticos principais: estatística descritiva, comparação dos dois grupos através de testes paramétricos (Teste T/Teste Levene) e análise de correlação. Com a estatística descritiva pretendeu-se tratar os dados sociodemográficos da amostra, através do cálculo das frequências, percentagens, da média e do desvio padrão. O teste *t* foi utilizado para determinar a significância estatística das diferenças entre as médias dos dois grupos independentes, com o nível de significância de 0.05.

Como a variável dependente da investigação possui uma distribuição normal, foi aplicado o teste Levene para analisar as variâncias. Dado que o número que constitui a amostra é superior a 30 elementos em ambos os grupos (45 mulheres e 31 homens), não foi necessário utilizar o teste de Kolmogorov-Smirnov para verificar a normalidade da distribuição. Utilizou-se também a análise da correlação para explorar a relação entre as variáveis estudadas.

O primeiro procedimento estatístico foi a caracterização da amostra, tendo em conta as variáveis sociodemográficas, nomeadamente a idade, o sexo, se tem namorado/o, duração da relação e idade do/a namorado/a. Para esta análise recorreu-se às medidas de tendência central (média, moda, mediana), medidas de variabilidade (máximos e mínimos), medidas de dispersão (desvio padrão), frequências absolutas e relativas.

Apresentado a metodologia utilizada na investigação, procederemos ao capítulo seguinte que é a organização, apresentação e análise dos dados obtidos no instrumento utilizado- questionário.

Capítulo IV

Resultados

Com base nos resultados obtidos através do preenchimento do questionário pelos participantes desse estudo, faremos a caracterização da amostra e do instrumento de recolha de dados e análise dos dados de cada uma das respetivas variáveis inerentes para testar as hipóteses. Como já foi referido anteriormente, para apurar os resultados e o devido tratamento estatístico utilizamos o programa informático SPSS (Statistical Package for Social Sciences), versão 20.

1. Amostra e sua caracterização

Com base nos objetivos e natureza do estudo, definiu-se como amostra do estudo, sujeitos com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos e estudantes do ensino superior. Em função do contexto em que se baseia o estudo, o processo da recolha de dados foi com uma amostra não probabilística por conveniência, dado que os indivíduos envolvidos se disponibilizaram voluntariamente para fazerem parte da amostra.

No que diz respeito aos critérios definidos para a seleção da amostra: o primeiro critério foi que a amostra seria constituída por elementos de ambos os sexos; o segundo critério foi que fossem jovens do ensino superior; o terceiro critério foi que fossem jovens que estudassem no ensino superior.

A amostra é constituída por 76 jovens, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, sendo 46 (59,2%) do sexo feminino e 31 (40,8%) do sexo masculino, como é possível ver no quadro seguinte.

Tabela 4- Sexo dos participantes

Sexo	Frequência Absoluta (n)	Frequência Relativa (%)
Feminino	45	59.2
Masculino	31	40.8
Total	76	100

A cada participante do estudo foi atribuído um código, de forma a preservar a sua identidade, constituído por número que representam o número de participantes. Nos

anexos (anexo 2), apresenta-se de forma mais detalhada os dados sociodemográficos que caracterizam a amostra deste estudo.

Relativamente ao comprometimento numa relação de intimidade, 52 (68,4%) dos participantes encontram-se comprometidos, 23 (30,3%) já estiveram comprometidos e 1 (1,3%) nunca esteve comprometido numa relação de intimidade.

Apresentado a caracterização da amostra, apresentaremos, de seguida, a caracterização do instrumento de recolha de dados.

2. Caracterização do instrumento de recolha de dados

Para a análise da fiabilidade do questionário recorreu-se à análise da consistência interna das escalas de medida através do Teste Alpha de Cronbach. Os valores de Alfa entre [0,7-0,8] são considerados de “razoável”, entre [0,8-0,9] de “bom” e maior que 0,9 são considerados de “excelente”.

Como o valor da escala total apresenta um Alpha de Cronbach de 0.869, pode-se afirmar que as variáveis são bem explicadas pelas perguntas consideradas e que estamos perante um instrumento de investigação com boa fiabilidade.

Segundo Pestana e Gageiro (2000), o teste de Alpha de Cronbach é uma das medidas mais usadas para verificar a consistência interna de um grupo de itens.

Tabela 5-Teste Alpha de Cronbach do questionário

Teste do Alpha de Cronbach	Número de Itens
,869	30

Foi aplicado também o teste do Alpha de Cronbach para analisar a consistência interna de todos os itens da escala.

Tabela 6- Teste Alpha de Cronbach para avaliação do comportamento pessoal

Teste do Alpha de Cronbach	Número de Itens
,768	15

De acordo com a tabela anterior, verificamos que a consistência interna dos itens relacionados a avaliação do comportamento pessoal é considerada “razoável”, por se encontrar no intervalo de 0,7 e 0,8 (0,768).

Tabela 7-Teste de Alpha de Cronbach para avaliação do comportamento do namorado/a

Teste do Alpha de Cronbach	Número de Itens
,761	15

De acordo com a tabela anterior, verificamos também que a consistência interna dos itens relacionados com a avaliação do comportamento do/a namorado/a é considerada “razoável”, por se encontrar no intervalo de 0,7 e 0,8 (0,761).

3. Teste das hipóteses

- ✓ H1- A variável “sexo” influencia a percepção dos jovens sobre as assimetrias nas relações de intimidade;

Para testar a primeira hipótese, optou-se por averiguar se as médias obtidas pelos grupos de homens e mulheres diferem significativamente, procedendo assim à sua comparação, como podemos ver na tabela seguinte.

Tabela 8- Média dos dois grupos da amostra quanto à percepção das assimetrias nas relações de intimidade

	Sexo	N	Média	Desvio padrão
Todas	Feminino	45	45,78	12,627
	Masculino	31	53,26	12,458

De acordo com a tabela anterior verificamos que a média obtida pelo sexo feminino é de 45,78 e a obtida pelo sexo masculino é 53,26. Este resultado aponta para uma maior percepção das assimetrias nas relações de intimidade no grupo do sexo masculino.

O desvio padrão encontrado permite-nos avaliar a dispersão da distribuição que, neste caso, é considerada moderada⁸ para ambos os sexos (27,58% para o sexo feminino e 23,39% para o sexo masculino). Na sequência da construção das diferenças entre as médias, apuramos a significância estatística da diferença entre as médias pela aplicação de um teste *t*.

⁸ A interpretação da dispersão tem em conta a indicação Hainaut (1977) segundo a qual uma dispersão fraca tem um desvio padrão inferior a 15% da média e uma dispersão forte tem um desvio padrão superior a 30% da média.

Depois de verificados os pressupostos de aplicação⁹ do teste *t*, apresentamos na tabela seguinte os valores apurados.

Tabela 9- Teste Levene e Teste t em relação à média dos dois grupos da amostra quanto à percepção das assimetrias nas relações de intimidade

	Teste Levene (Variâncias)		Teste-t (Medias)						
	F	Sig.	t	df	Sig.	Diferença da média	Erro padrão da diferença	Intervalo de confiança da diferença a 95%	
								Mínimo	Máximo
Variâncias iguais assumidas	,004	,947	-2,552	74	,013	-7,480	2,931	-13,321	-1,639
Variâncias iguais não assumidas			-2,558	65,219	,013	-7,480	2,924	-13,320	-1,641

Em relação à análise da igualdade das variâncias (teste de Levene) verificamos que o valor apurado (0,974) é superior a 0,05, pelo que não se rejeita a igualdade das variâncias e como tal analisa-se o valor do teste *t* na linha “igualdade das variâncias assumidas”.

Em relação à significância estatística da diferença entre as médias observamos que é inferior ao valor do analista (sig. = 0,013 < 0,05) pelo que se considera que as médias obtidas pelos dois grupos são estatisticamente diferentes.

- ✓ H2- A avaliação do comportamento pessoal está correlacionada com a avaliação do comportamento do/a namorado/a no que se refere à percepção das assimetrias nas relações de intimidade;

Tendo em consideração a segunda hipótese, procedeu-se à análise da correlação entre a avaliação do comportamento pessoal (ACP) e a avaliação do comportamento do/a namorado/a (ACN) no que se refere à percepção das assimetrias nas relações de intimidade.

Optámos para a utilização do coeficiente de correlação de Pearson, tendo em conta o facto de as variáveis em causa serem quantitativas e possuírem uma distribuição normal.

⁹ Em relação à normalidade, seguindo a indicação de Pestana e Gageiro (2000) considerou-se que como em cada um dos grupos temos mais do que 30 elementos (31 homens e 45 mulheres) a distribuição pode ser assumida como normal.

Os resultados da análise da correlação entre a avaliação do comportamento pessoal com a avaliação do comportamento do/a namorado/a apresentam-se na tabela seguinte.

Tabela 10- Correlação entre ACP e ACN

		ACP	ACN
ACP	Correlação de Person	1	,795**
	Sig. (2-tailed)		,000
	N	76	76
ACN	Correlação de Person	,795**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	
	N	76	76

Observou-se uma correlação alta entre as variáveis (0,795), pois os valores situam-se nos intervalos [0,7;0,89]. Neste sentido verifica-se que há uma correlação entre a avaliação do comportamento pessoal e avaliação do comportamento do/a namorado/a.

Desta forma procedeu-se à exploração da terceira hipótese, para analisar se a avaliação do comportamento pessoal varia em função do sexo.

✓ H3- A avaliação do comportamento pessoal varia em função do sexo;

Para testar a terceira hipótese, pretendeu-se averiguar, primeiramente, se as médias obtidas pelos grupos de homens e mulheres, relativamente à avaliação do comportamento pessoal (ACP), diferem significativamente. Neste sentido procedeu-se à sua comparação, como podemos ver na tabela seguinte.

Tabela 11- Média da ACP em função do sexo

	Sexo	N	Média	Desvio Padrão
ACP	Feminino	45	23,80	7,079
	Masculino	31	27,32	6,823

De acordo com a tabela anterior verificamos que a média obtida pelo sexo feminino é de 23,80 e a obtida pelo sexo masculino é 27,32. O que mais uma vez aponta para uma maior perceção da aceitação de comportamentos de violência, poder e controlo por parte do grupo constituído por jovens do sexo masculino.

Avaliando agora a dispersão da distribuição, com base no desvio padrão encontrado, observamos que pode ser considerada moderada¹⁰ para ambos os sexos (23,80% para o sexo feminino e 27,32% para o sexo masculino).

Na sequência desses resultados, apuramos a significância estatística da diferença entre as médias.

Tabela 12-Teste de Levene e Teste t para a comparação das médias de ACP em função do sexo

		Teste Levene Variâncias		Teste- t Médias						
		F	Sig.	t	df	Sig.	Diferença da média	Erro padrão da diferença	Intervalo de confiança da diferença a 95%	
									Mínimo	Máximo
ACP	Variâncias iguais assumidas	,070	,792	-2,163	74	,034	-3,523	1,628	-6,767	-,278
	variâncias iguais não assumidas			-2,178	66,178	,033	-3,523	1,617	-6,751	-,294

De acordo com a análise da igualdade das variâncias, verificou-se que tendo em conta a significância de 0,05, a significância apurada é superior (0,792) , pelo que não se rejeita a igualdade das variâncias. Neste sentido, analisa-se o valor do teste t na linha “igualdade das variâncias assumidas”.

Em relação à significância estatística da diferença entre as médias verificou-se que é inferior ao valor do analista (sig.= 0,034 < 0,05), assim considera-se que as médias obtidas pelos dois grupos são estatisticamente diferentes.

✓ H4- A avaliação do comportamento do namorado/a varia em função do sexo;

Para testar a hipótese quatro, procedeu-se também à análise das médias obtidas pelos dois grupos, relativamente à avaliação do comportamento do/a namorado/s (ACN).

¹⁰ A interpretação da dispersão tem em conta a indicação Hainaut (1977) segundo a qual uma dispersão fraca tem um desvio padrão inferior a 15% da média e uma dispersão forte tem um desvio padrão superior a 30% da média.

Tabela 13- Média da ACN em função do sexo

ACN	Sexo	N	Média	Desvio Padrão
	Feminino	45	21,98	6,247
	Masculino	31	25,94	6,455

De acordo com os resultados obtidos na tabela anterior verificamos que a média obtida pelo sexo feminino é de 21,98 e a média obtida pelo sexo masculino é 25,94. Procedeu-se de seguida à análise da dispersão da distribuição, com base no desvio padrão encontrado, neste caso é considerada fraca¹¹ (6,247% para o sexo feminino e 6,455% para o sexo masculino).

Na sequência destes resultados, procurámos apurar a significância estatística da diferença entre as médias com a aplicação do teste *t*.

Tabela 14- Teste de Levene e Teste *t* para a comparação das médias de ACN em função do sexo

		Teste Levene Variâncias		Teste- <i>t</i> Médias						
		F	Sig.	t	df	Sig.	Diferença da média	Erro padrão da diferença	Intervalo de confiança da diferença a 95%	
									Mínimo	Máximo
ACN	Variâncias iguais assumidas	,078	,781	-2,678	74	,009	-3,958	1,478	-6,903	-1,013
	Variâncias iguais não assumidas			-2,662	63,250	,010	-3,958	1,487	-6,929	-,986

Realizada a análise da igualdade das variâncias, verificou-se que o valor apurado no teste Levene (0,781) é superior ao valor do analista, pelo que não se rejeita a igualdade das variâncias.

Em relação à significância estatística da diferença entre as médias verificou-se que é inferior ao valor do analista (sig.= 0,009 < 0,05), assim considera-se que as médias obtidas pelos dois grupos são estatisticamente diferentes.

¹¹ A interpretação da dispersão tem em conta a indicação Hainaut (1977) segundo a qual uma dispersão fraca tem um desvio padrão inferior a 15% da média.

✓ H5- A avaliação da violência física varia em função do sexo;

Tendo em consideração a quinta hipótese, procedeu-se à comparação entre o grupo feminino e o grupo masculino, relativamente à avaliação da violência física (AVF), para averiguar se há diferenças significativas.

Tabela 15- Média da AVF em função do sexo

	Sexo	N	Média	Desvio padrão
VF	Feminino	45	4,60	1,629
	Masculino	31	4,84	1,440

De acordo com a tabela anterior verificamos que a média obtida pelo sexo feminino é de 4,60 e a média obtida pelo sexo masculino é 4,84.

O desvio padrão encontrado permite-nos avaliar, de seguida, a dispersão da distribuição que, neste caso, é considerada forte¹²(1,629% para o sexo feminino e 1,440% para o sexo masculino).

Verificamos de seguida a significância estatística da diferença entre as médias.

Tabela 16- Teste de Levene e Teste t para a comparação das médias da VF em função do sexo

		Teste Levene Variâncias		Teste-t Médias						
		F	Sig.	t	df	Sig.	Diferença da média	Erro padrão da diferença	Intervalo de confiança da diferença a 95%	
									Mínimo	Máximo
VF	Variâncias iguais assumidas	,291	,591	-,658	74	,513	-,239	,363	-,962	,485
	Variâncias iguais não assumidas			-,673	69,433	,503	-,239	,355	-,946	,469

Através da análise da igualdade das variâncias da tabela anterior verificou-se que, a significância apurada é superior ao valor do analista ($0,591 > 0,05$).

Nesta sequência, analisou-se o valor do teste *t* e em relação à significância estatística da diferença entre as médias verificou-se que o valor encontrado é superior ao valor do analista ($\text{sig.} = 0,513 > 0,05$), assim considera-se que as médias obtidas pelos dois grupos não são estatisticamente diferentes.

¹² A interpretação da dispersão tem em conta a indicação Hainaut (1977) segundo a qual uma dispersão forte tem um desvio padrão superior a 30% da média.

- ✓ H6- A avaliação da violência física (AVF) está correlacionada com a avaliação do comportamento pessoal e com a avaliação do comportamento do/a namorado/a;

De forma a analisar a correlação entre a avaliação da violência física, a avaliação do comportamento pessoal e a avaliação do comportamento do/a namorado/a, procedeu-se ao cálculo da correlação das variáveis.

Com base no quadro seguinte, é possível ver que se utilizou o coeficiente de correlação de Pearson, tendo em conta o facto de as variáveis possuírem distribuição normal.

Tabela 17- Correlação entre VF, ACPVF e ACNVF

		VF	ACPVF	ACNVF
VF	Correlação de Pearson,	1	,366**	,938**
	Sig. (2-tailed)		,001	,000
	N	76	76	76
ACPVF	Correlação de Pearson,	,366**	1	,376**
	Sig. (2-tailed)	,001		,001
	N	76	76	76
ACNVF	Correlação de Pearson,	,938**	,376**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	,001	
	N	76	76	76

De acordo com os dados obtidos, que se podem observar na tabela anterior, verificou-se uma correlação baixa (0,366) entre a violência física e a avaliação do comportamento pessoal, pois esse valor encontra-se no intervalo [0,2;0,3]. Por sua vez, entre a violência física e a avaliação do comportamento do/a namorado/a, há uma correlação muito alta (0,938), por estar no intervalo entre [0,9;1].

- ✓ H7- A avaliação da violência sexual varia em função do sexo;

No que respeita à comparação entre o grupo feminino e o grupo masculino, relativamente à avaliação da violência sexual (AVS), realizaram-se cálculos estatísticos para averiguar se há diferenças significativas nas médias dos grupos.

Tabela 18- Média da AVS em função do sexo

	Sexo	N	Média	Desvio padrão
VS	Feminino	45	5,13	2,341
	Masculino	31	6,90	3,259

De acordo com a tabela anterior constata-se que a média obtida pelo sexo feminino é de 5,13 e a média obtida pelo sexo masculino é 6,90. Procedendo de seguida para a análise da dispersão da distribuição, com base no desvio padrão encontrado, verificamos que esta é considerada fraca¹³ (2,341% para o sexo feminino e 3,259% para o sexo masculino).

De seguida averiguamos a significância estatística da diferença entre as médias.

Tabela 19- Teste de Levene e Teste t para a comparação das médias da VS em função do sexo

		Teste levene Variâncias		Teste-t Média						
		F	Sig.	t	df	Sig.	Diferença da média	Erro padrão da diferença	Intervalo de confiança da diferença a 95%	
									Mínimo	Máximo
VS	Variâncias iguais assumidas	9,464	,003	-2,757	74	,007	-1,770	,642	-3,049	-,491
	Variâncias iguais não assumidas			-2,597	50,747	,012	-1,770	,682	-3,138	-,401

Começou por proceder à análise da igualdade das variâncias, verificou-se que o valor encontrado é inferior ($0,003 < 0,05$), neste sentido rejeita-se a igualdade das variâncias e analisa-se o resultado do teste *t* na linha igualdade da variância não assumida.

Em relação à significância estatística da diferença entre as médias verificou-se que o valor apurado é inferior ao valor do analista ($\text{sig.} = 0,012 > 0,05$), assim considera-se que as médias obtidas pelos dois grupos são estatisticamente diferentes.

¹³ A interpretação da dispersão tem em conta a indicação Hainaut (1977) segundo a qual uma dispersão fraca tem um desvio padrão inferior a 15% da média .

- ✓ H8- A avaliação da violência sexual (AVS) está correlacionada com a avaliação do comportamento pessoal e com a avaliação do comportamento do/a namorado/a;

No sentido de analisar a relação entre a avaliação da violência sexual, a avaliação do comportamento pessoal e a avaliação do comportamento do/a namorado/a, procedeu-se ao cálculo do coeficiente de correlação de Pearson, que como é possível ver na tabela seguinte.

Tabela 20- Correlação entre VS, ACPVS e ACNVS

		VS	ACPVS	ACNVS
VS	Correlação de Pearson	1	,906**	,926**
	Sig. (2-tailed)		,000	,000
	N	76	76	76
ACPVS	Correlação de Pearson	,906**	1	,677**
	Sig. (2-tailed)	,000		,000
	N	76	76	76
ACNVS	Correlação de Pearson	,926**	,677**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	
	N	76	76	76

De acordo com os dados ilustrados na tabela anterior, verificou-se que a avaliação da percepção pessoal e a avaliação da percepção do/a namorado/a se encontram fortemente correlacionados também com a violência sexual, uma vez que os valores apurados se encontram entre no intervalo de [0.9;1].

- ✓ H9- A avaliação da violência psicológica varia em função do sexo;

Para testar se a avaliação da violência psicológica (AVP) varia em função do sexo procedeu-se à comparação das médias obtidas pelos dois grupos.

Tabela 21-Média da AVP em função do sexo

VP	Sexo	N	Média	Desvio padrão
	Feminino	45	13,38	3,446
	Masculino	31	12,55	2,606

De acordo com a tabela anterior verificou-se que a média obtida pelo sexo feminino é de 13,38 e a média obtida pelo sexo masculino é 12,55. A análise da

dispersão os dados indica uma dispersão fraca para ambos os sexos (3,446% para o sexo feminino e 2,606% para o sexo masculino).

De seguida averiguamos a significância estatística da diferença entre as médias.

Tabela 22- Teste Levene e teste t para a comparação das médias da VP em função do sexo

		Teste Levene Variâncias		Teste-t Médias						
		F	Sig.	t	df	Sig.	Diferença da média	Erro padrão da diferença	Intervalo de confiança da diferença a 95%	
									Mínimo	Máximo
VP	Variâncias iguais assumidas	,946	,334	1,134	74	,260	,829	,731	-,628	2,286
	Variâncias iguais não assumidas			1,193	73,297	,237	,829	,695	-,556	2,214

Feita a análise da igualdade das variâncias, verificou-se que a significância apurada é superior (0,334 , neste sentido não se rejeita a igualdade das variâncias.

De seguida, analisando o valor do teste *t* verificou-se o valor apurado é superior ao do analista (sig.= 0,260>0,05), assim sendo considera-se que a diferença entre as médias obtidas pelos dois grupos não são estatisticamente diferentes.

- ✓ H10- A avaliação da violência psicológica está correlacionada (AVP) com a avaliação do comportamento pessoal e com a avaliação do comportamento do/a namorado/a;

Para analisar a relação entre a avaliação da violência psicológica, a avaliação do comportamento pessoal e a avaliação do comportamento do/a namorado/a, utilizou-se o coeficiente de correlação de Pearson.

Tabela 23- Correlação entre AVP, ACP e ACN

		VP	ACPVP	ACNVP
VP	Correlação de Pearson,	1	,904**	,848**
	Sig. (2-tailed)		,000	,000
	N	76	76	76
ACPVP	Correlação de Pearson,	,904**	1	,541**
	Sig. (2-tailed)	,000		,000
	N	76	76	76
ACNVP	Correlação de Pearson,	,848**	,541**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	
	N	76	76	76

Tendo em consideração a tabela anterior, verificamos que a violência psicológica e a avaliação do comportamento pessoal são variáveis entre as quais existe uma correlação muito alta (0,904) por estar no intervalo de [0,9;1]. Para a relação entre a violência psicológica e a avaliação do comportamento do/a namorado/a foi encontrado um coeficiente de correlação indicador de uma correlação alta (0,848), por se encontrar no intervalo de [0,7;0,89].

✓ H11- A avaliação da violência social varia em função do sexo;

No que toca à comparação dos dois grupos, feminino e masculino, em relação à avaliação da violência sexual, verificou-se se as médias obtidas diferem significativamente.

Tabela 24- Média da avaliação da violência social em função do sexo

	Sexo	N	Média	Desvio padrão
VSOC	Feminino	45	9,51	3,514
	Masculino	31	12,10	4,126

Com base na análise feita da tabela anterior constata-se que a média obtida pelo sexo feminino é de 9,51 e a média obtida pelo sexo masculino é 12,10.

Relativamente à análise da dispersão os dados indicam uma dispersão forte para ambos os sexos (3,514% para o sexo feminino e 4,126% para o sexo masculino).

Na próxima tabela será averiguado a significância estatística da diferença entre as médias.

Tabela 25- Teste Levene e teste T para a comparação das médias da violência social em função do sexo

		Teste Levene		Teste-t						
		Variâncias		Médias						
		F	Sig.	t	df	Sig.	Diferença da média	Erro padrão da diferença	Intervalo de confiança da diferença a 95%	
									Mínimo	Máximo
VSOC	Variâncias iguais assumidas	,170	,681	-2,935	74	,004	-2,586	,881	-4,341	-,830
	Variâncias iguais não assumidas			-2,849	57,653	,006	-2,586	,907	-4,402	-,769

Através da análise dos valores encontrados para o teste de Levene podemos concluir que não se pode rejeitar a igualdade das variâncias ($\text{sig.} = 0,681 > 0,05$).

De seguida, analisando agora o valor do teste t para a diferença entre as médias verificou-se que o valor apurado é inferior ao valor do analista ($\text{sig.} = 0,004 < 0,05$), assim sendo considera-se que as médias obtidas pelos dois grupos são estatisticamente diferentes.

- ✓ H12- A avaliação da violência social está correlacionada com a avaliação do comportamento pessoal e com a avaliação do comportamento do/a namorado/a;

Como é possível verificar na análise do quadro seguinte, procurou analisar-se a possível relação entre a avaliação da violência social (AVSOC), a avaliação do comportamento pessoal e a avaliação do comportamento do/a namorado/a, através do coeficiente de correlação de Pearson.

Tabela 26- Correlação entre VSOC, ACPVSOC e APNVSOC

		VSOC	ACPVSOC	ACNVSOC
VSOC	Correlação de Pearson	1	,884**	,853**
	Sig. (2-tailed)		,000	,000
	N	76	76	76
ACPVSOC	Correlação de Pearson	,884**	1	,509**
	Sig. (2-tailed)	,000		,000
	N	76	76	76
ACNVSOC	Correlação de Pearson	,853**	,509**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	
	N	76	76	76

Com base na análise feita na tabela anterior, verificou-se que as variáveis analisadas têm entre si, correlações altas, uma vez que os valores apurados se encontram no intervalo [0,7;0,89].

✓ H13- A avaliação do controlo e do poder varia em função do sexo;

Para testar a hipótese treze, averiguou se as médias obtidas pelos grupos de homens e mulheres diferem.

Tabela 27- Média da Avaliação do controlo e poder

CP	Sexo	N	Média	Desvio padrão
	Feminino	45	13,16	4,700
	Masculino	31	16,87	5,536

Com bases nos dados da tabela anterior verificou-se que a média obtida pelo sexo feminino é de 13,16 e a média obtida pelo sexo masculino é 16,87. Relativamente à análise da dispersão os dados indicam uma dispersão fraca para ambos os sexos (4,700% para o sexo feminino e 5,536% para o sexo masculino).

De seguida averiguou-se a significância estatística da diferença entre as médias.

Tabela 28- Teste Levene e teste T para a comparação das médias do controlo e poder em função do sexo

		Teste Levene Variâncias		Teste-t Médias						
		F	Sig.	t	df	Sig.	Diferença da média	Erro padrão da diferença	Intervalo de confiança da diferença a 95%	
									Mínimo	Máximo
CP	Variâncias iguais assumidas	1,115	,295	-3,149	74	,002	-3,715	1,180	-6,067	-1,364
	Variâncias iguais não assumidas			-3,055	57,517	,003	-3,715	1,216	-6,151	-1,280

Tendo em consideração a análise da igualdade das variâncias, verificou-se que com base na significância de 0,05, que o valor apurado é superior ao valor do analista ($0,295 > 0,05$), desde modo não se rejeita a igualdade das variâncias.

Agora, analisando o valor do teste *t* verificou-se o valor apurado é inferior a 0.05 ($\text{sig.} = 0,0025 < 0,05$), assim sendo as médias obtidas pelos dois grupos são estatisticamente diferentes.

- ✓ H14- A avaliação do controlo e do poder está correlacionada com a a avaliação do comportamento pessoal e com a avaliação do comportamento do/a namorado/a;

A análise seguinte pretende observar a correlação entre a avaliação do controlo e poder (ACP), a avaliação do comportamento pessoal e a avaliação do comportamento do/a namorado/a, utilizando o coeficiente de correlação de Pearson.

Tabela 29- Correlação entre CP, ACPCP e ACNCP

		CP	ACPCP	ACNCP
CP	Correlação de Pearson	1	,922**	,905**
	Sig. (2-tailed)		,000	,000
	N	76	76	76
ACPCP	Correlação de Pearson	,922**	1	,671**
	Sig. (2-tailed)	,000		,000
	N	76	76	76
ACNCP	Correlação de Pearson	,905**	,671**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	
	N	76	76	76

Tendo em consideração os dados ilustrados na tabela anterior, é visível que entre o controlo e poder, a avaliação do comportamento pessoal e a avaliação do comportamento do/a namorado/a, têm uma correlação muito alta, por os dados obtidos estarem no intervalo de $[0,9;1]$, (com 0,922 e 0,905).

4. Discussão dos resultados

No sentido de dar respostas aos objetivos pretendidos nesta investigação, segue-se uma discussão dos dados estatísticos já apresentados anteriormente, interpretando e refletindo sobre os mesmos, tendo em conta os elementos teóricos e empíricos apresentados ao longo deste trabalho.

O instrumento de recolha de dados utilizado contemplou diversos comportamentos tanto no que se refere à apreciação do comportamento pessoal quanto do outro, contemplou perguntas relativas à violência física, à violência sexual, à violência social, à violência psicológica e ao controlo e poder.

Foram assim definidos objetivos que orientaram este estudo. Neste sentido a maioria dos resultados obtidos foram ao encontro da revisão bibliográfica, contudo, foram encontradas algumas diferenças entre os resultados obtidos e alguns dos estudos consultados..

Tendo em consideração os resultados apresentados e os estudos realizados nesta área, num primeiro momento analisamos a hipótese 1 “a variável [sexo] influencia a perceção dos jovens sobre as assimetria nas relações de intimidade”. Como tivemos oportunidade de referir anteriormente esta hipótese foi confirmada, na medida em que, com base nos resultados obtidos, encontramos diferenças significativas entre o sexo feminino e o sexo masculino relativamente à perceção da violência nas relações de intimidade.

Nos resultados do estudo de Oliveira e Sani (2005), a violência nas relações de intimidade é perpetrada tanto por mulheres como por homens, contudo, o referente estudo verificou que o género masculino perpetra mais violência do que o género feminino, o que parece ser alguma concordante com os dados encontrados na nossa investigação, no sentido de haver diferenças entre o sexo masculino e o sexo feminino sobre a violência nas relações de intimidade.

A hipótese 2 “a avaliação do comportamento pessoal está correlacionada com a avaliação da percepção do/a namorado/a no que se refere à percepção da violência e do controle” foi confirmada, com bases nos dados encontrados e apresentados anteriormente, onde concluímos que se verifica uma correlação alta entre as variáveis. Tomando em consideração a literatura de Caridade e Machado (2013), a violência nas relações de intimidade não é uma experiência incomum entre os jovens, sendo atualmente reconhecida como uma problemática. Um dos dados mais interessantes nesta literatura comprova que ainda que os jovens, genericamente, afirmam reprovar a violência, há uma tendência para identificarem situações de exceção onde a violência é considerada legítima.

Analisando agora a hipótese 3 “a avaliação do comportamento pessoal varia em função do sexo”, recordamos que esta hipótese foi confirmada, e neste sentido verificamos que há diferenças entre o sexo feminino e sexo masculino em relação à avaliação do comportamento pessoal. Concluímos também que há uma tendência maior para o sexo masculino reconhecer os próprios comportamentos de violência e controle, mais do que o sexo feminino.

Passando agora para a hipótese 4 “a avaliação do comportamento do namorado/a varia em função do sexo”, verificamos que também esta foi confirmada. Neste caso, concluímos também que há uma tendência maior para o sexo masculino ter percepções associados a comportamentos de violência e controle do/a namorado/a, mais do que o sexo feminino.

Em relação à avaliação do comportamento pessoal e à avaliação do comportamento do namorado/a não encontramos estudos específicos que trabalhassem estes temas. Neste sentido não foi possível comparar os resultados obtidos com outros estudos existentes.

Relativamente à hipótese 5 “a avaliação da violência física varia em função do sexo” salientamos que não foi confirmada, uma vez que os resultados não apontam para diferenças significativas em relação à violência física. Os dados obtidos foram de 4,60 para o sexo feminino e 4,84 para o sexo masculino.

Concluímos que estes resultados deram-se ao fato desta variável (violência física) conter o menor número de itens que as restantes, onde fez com que não haja diferenças significativas em função do sexo sobre a violência física.

Quanto à correlação a violência física, a avaliação do comportamento pessoal e a avaliação do comportamento do/a namorado/a (hipótese 6), os valores encontrados

demonstram que há uma correlação baixa (0,366) com a avaliação do comportamento pessoal e uma correlação muito alta com a avaliação do comportamento do/a namorado/a (0,938).

Analisando agora a hipótese 7 "a avaliação da violência sexual varia em função do sexo", verificamos esta foi confirmada, com 5,13 para o sexo feminino e 6,90 para o sexo masculino, concluindo neste sentido que os resultados médios obtidos pelos dois grupos são estatisticamente diferentes. Perante estes podemos concluir que há uma tendência maior para o sexo masculino ter percepções que se podem associar a comportamentos classificados como violência sexual.

Segundo a OMS (2002), a violência sexual praticada por um parceiro íntimo não é algo rara, nem específica de uma determinada região do mundo.

Algumas literaturas internacionais tem comprovado que a violência sexual é um fenómeno presente nas relações de intimidade. Um dos estudos que obteve dados preocupantes foi o de Muhlenhard e Linton (1987, citados por Caridade & Machado, 2008), que pretendiam estudar a incidência de diferentes formas de agressão sexual praticadas nas relações de intimidade. Verificaram que 77,6% das participantes femininas e 57,3% dos participantes masculinos já tinham estado envolvidos em algum tipo de agressão sexual nas suas relações íntimas.

Relativamente à realidade de Portugal, recentemente já começaram a surgir investigações nesta área, apesar de serem ainda poucos ligados às relações de intimidade. Um dos estudos recentes neste domínio foi de o Paiva e Figueiredo (2003), onde pretendiam analisar o abuso ocorrido na intimidade dos jovens adultos portugueses, concluindo que o abuso sexual é o segundo tipo de abuso que mais prevalece na sua amostra. Neste sentido podemos concluir que há uma necessidade de conhecer cada vez melhor esta problemática e de implementar estratégias de intervenção e de prevenção.

Para Hall e Barongan (1997, citado por Caridade & Machado, 2008), há tolerância e legitimação desse tipo de violência nas relações de intimidade porque o comportamento sexualmente agressivo é produto de uma cultura onde este tipo de violência é tendencialmente consentido e aceite.

Ainda sobre a violência sexual e relativamente sobre a sua correlação com a avaliação do comportamento pessoal e com a avaliação do comportamento do/a namorado/a (hipótese 8), verificamos que há uma correlação muito alta, pois os resultados apurados encontram-se entre os intervalos de [0.9;1], sendo 0,906 para a

avaliação do comportamento pessoal e 0,926 para a avaliação do comportamento do/a namorado/a. Assim sendo há uma tendência maior para a avaliação do comportamento do/a namorado/a do que para a avaliação do comportamento pessoal.

Quanto à hipótese 9 “a avaliação da violência psicológica varia em função do sexo” verificámos que não foi confirmada, pois os resultados encontrados ilustram que os valores alcançados pelos dois grupos no que se refere à percepção da violência psicológica não são diferentes estatisticamente. Neste sentido podemos concluir que o facto de não haver diferenças significativas entre os dois grupos pode ser pelo fato de serem jovens do ensino superior, tendo acesso permanente a toda informação e campanhas contra essa problemática, e este facto pode estar relacionado com a possibilidade destes jovens terem já sido sensibilizados para a interpretação de sinais e comportamentos de violência psicológica, o que pode justificar que, na nossa amostra não se verifique uma legitimação desse tipo de violência. O que contraria os resultados obtidos no estudo de Paiva e Figueiredo (2003), feito com estudantes universitários de ambos os sexos, em que concluíram que a violência psicológica é a forma de violência mais frequente nos relacionamentos íntimos, onde as atitudes severas de violência são de humilhar e injuriar o outro.

Ainda neste contexto sobre a violência psicológica, relativamente à sua correlação com a avaliação do comportamento pessoal e com a avaliação do comportamento do/a namorado/a (hipótese 10), perante os valores encontrados podemos concluir que há uma correlação muito alta (0,9) com a avaliação do comportamento pessoal e uma correlação alta (0,821) com a avaliação do comportamento do/a namorado/a, o que nos permite concluir que é possível que haja uma tendência maior para a avaliação do comportamento pessoal do que para a avaliação do comportamento do/a namorado/a como violência psicológica.

Tendo em consideração a hipótese 11 “a avaliação da violência social varia em função do sexo”, esta hipótese foi confirmada, uma vez que os resultados obtidos permitiram concluir que há diferenças significativas nas médias referentes à violência social em função do sexo, demonstrando uma maior legitimação da violência, controlo e poder para o sexo masculino. Neste contexto não encontramos estudos específicos que trabalharam esta problemática (violência social),

Ainda sobre a violência social, os resultados obtidos a nível da correlação entre avaliação do comportamento pessoal e com a avaliação do comportamento do/a

namorado/a (hipótese 12), concluímos que há uma correlação muito alto entre ambos, com ligeiro aumento para a avaliação do comportamento pessoal.

A hipótese 13 “a avaliação do controlo e do poder varia em função do sexo” foi confirmada, os resultados apurados foram 13,16 para o sexo feminino e 16,87 para o sexo masculino, a aplicação do teste *t* mostra, também, que há diferenças significativas entre as médias dos dois sexos. Com bases nesses resultados observamos que há maior tendência por parte do sexo masculino ter perceções associados ao controlo nas relações de intimidade.

A UMAR, num estudo realizado em 2013, conclui que os jovens continuam a ter comportamentos violentos sem terem (ou sem quererem ter) a consciência de que esses comportamentos são errados e puníveis quer socialmente, quer a nível legal. Um outro estudo realizado em 2017, concluiu que os comportamentos relacionados com o controlo, nomeadamente proibir de estar/falar com amigos, proibir de vestir uma determinada peça de roupa ou pegar no telemóvel do/a companheiro/a sem autorização não são reconhecidos como violência e considerados comportamentos normais por mais de 33 % de jovens em Portugal.

Mais uma vez se sublinha que este estudo, à semelhança de outros não analisam especificamente a violência nas relações de intimidade em função do sexo, mas nos resultados quantitativos obtidos fazem as respetivas distinções entre os sexos. E são referidas nas conclusões, a tendência para os jovens do sexo masculino interpretarem comportamentos de controlo como legítimos, mais do que acontece com jovens do sexo feminino.

Relativamente à correlação da avaliação do controlo com a avaliação do comportamento pessoal e com a avaliação do comportamento do/a namorado/a (hipótese 14), verificamos que há uma correlação muito alta entre a avaliação do comportamento pessoal e a avaliação do comportamento do/a namorado/a.

5. Implicações para a Educação Social

A violência nas relações de intimidade tem sido reconhecida como um problema social, sendo que a visibilidade social deste fenómeno tem aumentado ao longo dos últimos anos. Apesar de haver ainda pouco investimento nesta área no território

português, as investigações realizadas têm comprovado uma tendência para minimizar esse tipo de violência.

Segundo o *Guia de Percursos e Sugestões- A Prevenção e Desocultação da Violência Doméstica* (2010), a violência nas relações de intimidade é uma incidência preocupante atualmente, e este facto está associado à fase de desenvolvimento em que se encontram os jovens: radicalizar as diferenças entre os papéis do género, aceitação da violência como manifestação de amor e ciúmes, e adesão a certas idealizações perigosas sobre relações românticas.

Com isso é pertinente investir numa intervenção primária (antes do problema), secundária (identificação dos sinais de alerta) e terciária (diminuição do problema), para o combate dessa problemática nas sociedades atuais.

Reafirmamos como pertinente a investigação e intervenção neste domínio, no sentido de criar ações socioeducativas abrangentes, que consideram não só os jovens em si mas também o contexto familiar, escolar e social.

O educador social, na compreensão das perceções dos jovens face à violência nas relações de intimidade, tem a possibilidade de analisar o papel de cada agente educativo e social envolvente desta problemática (escola, família, comunidade e grupo de pares), criando assim estratégias de intervenção adequadas a cada um desses agentes. Neste sentido, podemos indicar algumas propostas de intervenção pertinentes, que requerem o envolvimento dos agentes educativos e sociais para uma melhor compreensão e combate da violência nas relações de intimidade.

A escola tem um papel importante na socialização e desenvolvimentos dos jovens, com isso é fundamental que as intervenções nesta área privilegiam ações junto da escola, pois os professores e outros agentes educativos têm contacto direto com os jovens. Essas ações apostariam, por exemplo, na divulgação de informações importantes sobre a violência nas relações de intimidade e os apoios existentes e na formação dos diversos atores sociais sobre o fenómeno no sentido de potenciar a identificação de sinais de alerta e intervenções adequadas.

A intervenção neste fenómeno com as famílias é de extrema importância também no sentido por exemplo, de informar os pais sobre a problemática e incentivar os mesmos a não minimizar a violência nas relações íntimas. Para além destas intervenções, a intervenção com a comunidade tem a sua importância também, no sentido de promover o desenvolvimento de programas de prevenção, nomeadamente nas ações de sensibilização, ações de esclarecimento junto da comunidade. A intervenção

com os grupos de pares permite promover determinados comportamentos e atitudes e prevenir comportamentos de risco.

Enquanto educadores sociais, profissionais da área social, temos a capacidade de promover mudanças, baseadas em ações no sentido de dotar as pessoas de competências que lhes permitam ter comportamentos sem violência, sensibiliza-las a reconhecerem comportamentos de controlo e poder e sensibiliza-las, a não ver o outro como uma propriedade.

Como referem Carvalho e Baptista (2008), o Educador Social é um profissional capaz de criar e alimentar espaços de mediação necessários à socialização, através de processos educativos, que se procura fazer evoluir uma realidade atual em direção a um futuro melhor.

Baseando no trabalho socioeducativo do educador social, é pertinente referir a “roda da igualdade” do modelo Duluth, pois enquadra-se no trabalho que o educador social pode realizar perante a problemática da relações de poder e controlo, enquadradas na violência nas relações de intimidade, a nível de informação, orientação, intervenção, desenvolvimento e promoção de mudanças.



Figura 4- Roda de igualdade Duluth
Fonte: www.theduluthmodel.org/index.htm

Segundo o *Manual Pluridisciplinar: Violência Doméstica- Implicações Sociológicas, Psicológicas e Jurídicas do fenómeno* (2016), a “roda da igualdade” trabalha com a vítima papéis e representações sociais, construindo novas visões sobre os relacionamentos íntimos e ajuda à vítima a projetar outras posições existenciais e relacionais para o futuro.

Como podemos ver na figura acima, a “roda da igualdade” baseia-se na procura de soluções que favoreça as partes envolvidas, que promovam comportamentos em que não haja agressividade para que a pessoa se sinta segura para expressar as suas opiniões e fazer as suas coisas, procurando desenvolver a capacidade de ouvir o outro respeitando as suas opiniões e opções, no sentido de capacitar para o reconhecimento dos atos violentos admitindo os erros e aceitando as responsabilidades, e, por fim, efetivar ações que visam a promoção das responsabilidades parentais e as decisões familiares e por fim em procurar que ambas as partes tomam decisões económicas.

Considerações finais

Neste ponto apresentam-se as conclusões do presente estudo, baseando-se nos principais resultados obtidos e salientando também as limitações e as sugestões para investigações futuras.

A prevalência da violência nas relações de intimidade é um problema social difícil, que requer muita atenção e estratégias de intervenção para o seu combate. Nessa lógica, é importante salientar que é uma área de intervenção não muito estudada e por este motivo, espera-se que esta investigação saliente e enfatize a necessidades de realização de novos estudos e sobretudo que alerte para a necessidade de reforçar a intervenção educativa com os jovens adultos.

Com este estudo pretendeu-se explorar e alargar os conhecimentos na área da violência nas relações de intimidade, mais precisamente, na análise das perceções dos jovens no ensino superior sobre esta temática. Para além disso, pretende-se, depois da apresentação dos resultados desta investigação, fazer um alerta e sensibilizar tanto os jovens como todos os envolventes, nomeadamente a escola, a família e a comunidade, para este problema muito presente nos dias de hoje.

A realização deste estudo apresentou algumas limitações, nomeadamente o fato de abranger jovens do ensino superior de uma cidade específica (Bragança), impossibilitando nesse sentido de retirar conclusões possíveis de serem generalizados para a população juvenil portuguesa. Para além disso, tratando-se de um estudo quantitativo, utilizando questionários, as perguntas eram objetivas e centralizadas. É nossa opinião que os resultados encontrados são muitos interessantes e que contribuíram para um maior conhecimento sobre essa realidade. Um outro aspeto que nos parece relevante salientar é que este trabalho permitiu-nos equacionar novas formas de intervenção e prevenção da violência nas relações de intimidade.

Pelos resultados obtidos, verificámos que a perceção da tolerância da violência nas relações de intimidade pode ser diferente para os dois sexos, havendo em alguns casos similaridade nos resultados obtidos por ambos os sexos, que faz com que haja

necessidade de entender melhor os fatores que podem influenciar as diferenças e as similaridades entre os sexos relativamente a esse fenómeno. Perante os resultados, observámos que há uma tendência para se verificarem resultados mais elevados no grupo do sexo masculino, o que indica perceções legitimadoras de violência de índole sexual, social e controlo e poder. Nesse sentido considera-se importante que futuros trabalhos procurem trabalhar junto dos jovens do sexo masculino, explorando as raízes das suas perceções sobre a violência, controlo e poder nas relações de intimidade, promovendo mudanças nas crenças socioculturais relacionados com a violência e desenvolvendo competências para lidarem com conflitos nas suas relações íntimas sem violência.

Segundo Rijo, Mota e Brazão (2013, citados por Sani & Caridade, 2013), as iniciativas em matéria de intervenção com ofensores ainda não têm acompanhado o desenvolvimento observado na intervenção com vítimas de crimes, estando em menor número.

É visível todo o avanço que se tem vindo a registar na investigação sobre a violência nas relações de intimidade, contribuindo para o aumento do conhecimento desta problemática. Assim considera-se importante apostar no desenvolvimento desta área, com novos estudos e novos planeamentos de ações preventivas.

Referência Bibliográfica

- Almeida, L., & Caldas, J. (2012). Intimidade e Saúde. *Psicologia UPS*, 737-755.
- APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2006). *Relatório de atividades do projeto IUNO II- sensibilização e informação sobre violência doméstica e sexual*. Porto: APAV.
- Bertolo, R. & Barbara, A. (2006). Representação Social do Namoro: a intimidade na visão dos jovens. *PsicoUSF*, v.11(2), 229-237.
- Caridade, S. & Machado, C. (2008). Violência sexual no namoro: Relevância da prevenção. *Psicologia*, v. XXII (1), 77-104.
- Caridade, S. & Machado, C. (2013). Violência nas relações juvenis de intimidade: uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia*, v. XXVII (1), 91-113.
- Canavarro, M., Dias, P. & Lima, V. (2006). A Avaliação da Vinculação do Adulto: uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (AAS-R) na população Portuguesa. *Psicologia*, v. 20, n. 1, 155-186.
- Carvalho, A., D & Baptista, I. (2008). *Educação Social: Fundamentos e Estratégias*. Porto: Porto Editora.
- Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género. www.cig.gov.pt/planos-nacionais-areas/violencia-domestica/
- Fernandes, D. (2014). Direitos Humanos e Vitimologia: Uma nova postura da vítima no Direito Penal. *Revista Faculdade de Direito*, v. 64, 379- 411.

Ferreirinha, I. & Raitz, T. (2010). As relações de poder em Michel Foucault: Reflexões teóricas. *RAP Revista de Administração Publica*. 44(22), 367-383.

Gonçalves, V. (2016). Violência contra a Mulher: Contribuições da Vitimologia. *Revista Faculdade de Direito*, n.1, 38-52.

Gouveia, V., Fonseca, P., Cavalcanti, J., Diniz, P. & Dória, L. (2009). Versão abreviada da Escala Triangular do Amor: evidências de validade fatorial e consistência interna. *Estudos de Psicologia*, v. 14(1), 31-39.

Guerra, P. & Gago, L. (Coords.) (2016). Violência Doméstica- Implicações sociológicas, psicológicas e jurídicas do fenómeno Manual Pluridisciplinar. Lisboa: CIG.

Hainaut, D. (1977). Conceitos e métodos de estatística. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Morais, C. (2013). Investigação: Do problema aos resultados. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança.

Leitão, M. (2013). Violência nas Relações de Intimidade. In M. Leitão, M. Fernandes, J. Fabião, M. Alegre de S, C. Veríssimo & M. Dixe (Coords.). *Prevenir a violência no namoro - n(amor)o (im)perfeito - Fazer diferente para fazer a diferença*, (pp. 23-42).Coimbra: UICISA-E.

Levinson, D. J. (1986). A Conception of Adult Development. *The American Psychologist*, v. 41, nº 1, 3-13

Oliveira, M. (2015). *Transmissão Intergeracional da Violência*. Lisboa: Chiado Editorial

Oliveira, M. & Sani, A. (2005). Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas. In B. Silva & L. Almeida (Coords.). *Atas do VIII*

Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia, (pp.1061-1074). Braga: Centro de Investigação em Educação.

Pais, M. J. (1990). A construção sociológica da juventude- Alguns contributos. *Análise Social*, XXV, 139-165.

Paulino, M. & Rodrigues, M. (2016). *Violência Doméstica- Identificar, Avaliar e Intervir*. Lisboa: Prime Books.

Pestana, H. & Gageiro, N. (2000). *Análise de Dados para Ciências Sociais- A Complementaridade do SPSS*, 2º edição, Lisboa: Edições Sílabo

Ramires, V. & Schneider, M. (2010). Revisitando alguns Conceitos da Teoria do Apego: Comportamento versus Representação. *Psicologia*, v. 26 (1), 25-33.

Sani, A. & Caridade, S. (2013). *Violência, Agressão e Vitimação: Práticas para a Intervenção*. Coimbra: Edições Almeida.

Scott, J. (1986). Gender: A Useful Category of Historical Analysis. *The American Historical Review*, v. 91, nº 5, 1053-1075.

União de Mulheres Alternativa e Resposta- UMAR (2010). *Projeto mudanças com arte*. Acedido em <http://mudancascomarte.umarfeminismos.org>

União de Mulheres Alternativa e Resposta- UMAR (2017). *Violência no namoro*. Acedido em http://www.umarfeminismos.org//Relatorio_de_Imprensa_Final.pdf

Víctora, C., Knauth, D. & Hassen, M. (2000). Metodologias Qualitativa e Quantitativa. In C. Victoria, D. Knauth & M. Hassen (Coords). *Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema*, (pp. 33-44).Porto Alegre: Tomo Editorial.

Vizinho, A., Vicente, A., Carvalho, L. & Peres, J. (2010). *A Prevenção e Desocultação da Violência Doméstica: Guia de Percursos e Sugestões*. Setúbal: Sociedade de Estudos e Intervenção em Engenharia Social.

Anexos

Anexo 1- Questionário

Questionário

O presente questionário é parte integrante de um plano de trabalho do segundo ano de mestrado de Educação Social da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança. Este questionário tem como principal objetivo analisar a *perceção dos jovens sobre as assimetrias nas relações de intimidade*.

Gostaria de contar com a tua colaboração para responder a esse questionário de acordo com a tua forma de pensar. As respostas a este questionário são absolutamente anónimas.

Grupo I

1- Idade _____

2- Sexo F () M ()

3- Tens ou já tiveste namorado/a?

Tenho () Já tive () Não tenho/nunca tive ()

3.1- Se neste momento tem ou já teve, quanto tempo durou a sua relação mais duradoura?

- () **Menos de 3 meses**
- () **De 3 meses a 6 meses**
- () **De 7 meses a 1 ano**
- () **Mais de 1 ano**

3.2- E que idade tem ou tinha o/a teu/tua namorado/a? _____

Grupo II

De seguida apresentam-se algumas afirmações sobre a *tua posição pessoal em algumas situações no namoro*, em cada uma delas deves assinalar com um X de acordo com o teu grau de concordância:

Escala de resposta: 1- Discordo totalmente 2- Discordo em parte 3- Não concordo nem discordo 4- Concordo em parte 5- Concordo totalmente

	1	2	3	4	5
1- Quando o/a meu/minha namorado/a mexe no meu telemóvel sem autorização não é invadir a minha privacidade.					
2- É normal que o/a meu/minha namorado/a exija que eu diga sempre com quem estou e onde estou.					
3- De vez em quando, nas discussões é normal que eu dê uma bofetada ao meu/minha namorado/a.					
4- Se o/a meu/minha namorado/a me proibir de falar com uma determinada pessoa por ciúmes, é uma manifestação de amor.					
5- É normal que eu estrague os objetos pessoais do/a meu/minha namorado/a para manifestar que sinto falta de atenção.					
6- Quando o meu/minha namorado/a faz pressão ou força para ter relações é uma manifestação de desejo.					
7- É dever do/a meu/minha namorado/a fazer tudo para me agradar , até mesmo aceitar alguns comportamentos violentos.					
8- É normal haver discussões com empurrões de vez em quando entre eu e o/a meu/minha namorado/a.					
9- Quando o/a meu/minha namorado/a me proíbe de vestir uma determinada peça de roupa é uma manifestação de cuidado.					
10- É normal que eu mande mensagens ou telefone ao meu/minha namorado/a durante todo o dia, nem que seja só para saber onde está.					
11- É normal que o/a meu/minha namorado/a faça pressão ou me force para eu o/a beijar.					
12- Haver insultos e ameaças por parte do meu/minha namorado/a é normal.					
13- Eu devo informar sempre o/a meu/minha namorado/a quando quero ou vou sair.					
14- Se o/a meu/minha namorado/a menciona repetidamente algo negativo que fiz no passado é considerado uma agressão.					

	1	2	3	4	5
15- Proibir o/a meu/minha namorado/a de sair com os/as amigos/as para se divertirem é uma manifestação controlo.					
16- No namoro é normal que eu tenha o controlo sobre tudo o que se passa na vida do/a meu/minha namorado/a.					
17- Nos tempos livres é normal que o/a meu/minha namorado/a queira estar sempre comigo e exija que eu não esteja com os meus amigos.					
18- No namoro não deve haver segredos, por isso é normal eu ter acesso às mensagens, registos de chamadas, conta de email e redes sociais.					
19- Quando o/a meu/minha namorado/a fala sempre mal dos meus amigos, é uma manifestação de cuidado e preocupação.					
20- É aceitável que se o/a meu/minha namorado/a estiver chateado ou irritado me humilhe perante outras pessoas.					
21- Ter ciúmes constantes do/a meu/minha namorado/a é manifestação de amor.					
22- Numa conversa é normal que eu aceite que o/a meu/minha namorado/a fique agressivo caso eu manifeste uma opinião ou vontade discordante dele.					
23- Numa discussão é normal e aceitável que eu chame nomes e faça comentários cruéis ao/à meu/minha namorado/a.					
24- É aceitável que numa discussão o/a meu/minha namorado/a estrague os meus objetos pessoais para chamar a minha atenção.					
25- Quando eu insisto ou faço pressão para o/a meu/minha namorado/a ter relações sexuais comigo é manifestação de amor.					
26- Mencionar repetidamente ao meu/minha namorado/a algo negativo que ele fez no passado é considerado um ato de agressão.					
27- Quando me aborreço com o/a meu/minha namorado/a , por vezes insulto/a mesmo á frente das pessoas.					
28- É normal que eu faça pressão ou force um beijo ao meu/minha namorado/a.					
29- Quando eu proíbe o/a meu/minha namorado/a de vestir uma determinada peça de roupa é uma manifestação de preocupação.					
30- Se eu estou sempre a falar mal dos amigos do/a meu/minha namorado/a , é uma manifestação de cuidado.					

Escala de resposta: 1- Discordo totalmente 2- Discordo em parte 3- Não concordo nem discordo 4- Concordo em parte 5- Concordo totalmente

Obrigada pela tua colaboração!

Anexo 2- Distribuição dos participantes segundo as suas características sociodemográficas

Código	Idade	Sexo	Namorado/a
1	20	F	Tem
2	25	M	Tem
3	21	F	Tem
4	24	F	Tem
5	21	M	Já teve
6	19	F	Tem
7	19	F	Tem
8	21	F	Já teve
9	20	M	Tem
10	22	F	Tem
11	24	F	Tem
12	20	F	Já teve
13	24	M	Tem
14	19	F	Nunca teve
15	20	F	Tem
16	25	F	Tem
17	21	F	Tem
18	20	M	Já teve
19	23	F	Tem
20	20	F	Tem
21	21	F	Tem
22	20	M	Já teve
23	22	F	Já tive
24	21	F	Tem
25	19	F	Já teve
26	23	F	Já teve
27	19	F	Tem
28	25	M	Tem
29	23	F	Já teve
30	21	F	Já teve
31	28	F	Tem
32	21	F	Tem
33	22	F	Já teve
34	23	F	Já teve
35	21	F	Já teve
36	22	M	Tem
37	26	F	Já teve
38	25	F	Já teve
39	24	F	Tem
40	21	F	Já teve
41	20	F	Tem
42	21	F	Tem
43	19	F	Tem
44	21	F	Tem
45	19	F	Tem
46	22	M	Já teve
47	19	F	Já teve

48	21	F	Ja teve
49	20	F	Tem
50	22	F	Ja teve
51	27	F	Tem
52	22	M	Tem
53	20	M	Tem
54	23	M	Tem
55	24	F	Tem
56	25	M	Tem
57	26	F	Ja teve
58	21	M	Tem
59	25	F	Tem
60	24	M	Tem
61	23	M	Tem
62	22	F	Tem
63	22	M	Tem
64	22	M	Tem
65	25	M	Tem
66	25	M	Tem
67	28	M	Tem
68	25	M	Tem
69	23	M	Tem
70	23	M	Tem
71	22	M	Ja teve
72	24	M	Tem
73	20	M	Tem
74	22	M	Tem
75	20	M	Tem
76	20	M	Tem

Anexo 3- Correlação das variáveis

		VF	ACPVF	ACNVF	VS	ACPVS	ACNVS	VP	ACPVP	ACNVP	VSOC	ACPVSOC	ACNVSOC	CP	ACPCP	ACNCP
VF	Correlação de Pearson	1	,366**	,938**	,401**	,369**	,366**	,529**	,445**	,490**	,437**	,285*	,485**	,332**	,343**	,260*
	Sig. (2-tailed)		,001	,000	,000	,001	,001	,000	,000	,000	,000	,013	,000	,003	,002	,023
	N	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76
ACPVF	Correlação de Pearson	,366**	1	,376**	,926**	,677**	1,000**	,297**	,256*	,266*	,522**	,443**	,466**	,436**	,473**	,318**
	Sig. (2-tailed)	,001		,001	,000	,000	,000	,009	,025	,020	,000	,000	,000	,000	,000	,005
	N	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76
ACNVF	Correlação de Pearson	,938**	,376**	1	,397**	,349**	,376**	,485**	,451**	,396**	,432**	,309**	,450**	,348**	,356**	,276*
	Sig. (2-tailed)	,000	,001		,000	,002	,001	,000	,000	,000	,000	,007	,000	,002	,002	,016
	N	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76
VS	Correlação de Pearson	,401**	,926**	,397**	1	,906**	,926**	,368**	,318**	,330**	,604**	,547**	,501**	,520**	,548**	,396**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000		,000	,000	,001	,005	,004	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	N	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76
ACPVS	Correlação de Pearson	,369**	,677**	,349**	,906**	1	,677**	,382**	,330**	,343**	,589**	,567**	,451**	,521**	,535**	,413**
	Sig. (2-tailed)	,001	,000	,002	,000		,000	,001	,004	,002	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	N	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76

ACNVS	Correlação de Pearson	,366**	1,000**	,376**	,926**	,677**	1	,297**	,256*	,266*	,522**	,443**	,466**	,436**	,473**	,318**
	Sig. (2-tailed)	,001	,000	,001	,000	,000		,009	,025	,020	,000	,000	,000	,000	,000	,005
	N	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76
VP	Correlação de Pearson	,529**	,297**	,485**	,368**	,382**	,297**	1	,904**	,848**	,464**	,376**	,433**	,292*	,307**	,222
	Sig. (2-tailed)	,000	,009	,000	,001	,001	,009		,000	,000	,000	,001	,000	,011	,007	,054
	N	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76
ACPVP	Correlação de Pearson	,445**	,256*	,451**	,318**	,330**	,256*	,904**	1	,541**	,384**	,344**	,322**	,215	,228*	,162
	Sig. (2-tailed)	,000	,025	,000	,005	,004	,025	,000		,000	,001	,002	,004	,062	,047	,161
	N	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76
ACNVP	Correlação de Pearson	,490**	,266*	,396**	,330**	,343**	,266*	,848**	,541**	1	,437**	,315**	,452**	,307**	,322**	,235*
	Sig. (2-tailed)	,000	,020	,000	,004	,002	,020	,000	,000		,000	,006	,000	,007	,005	,041
	N	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76
VSOC	Correlação de Pearson	,437**	,522**	,432**	,604**	,589**	,522**	,464**	,384**	,437**	1	,884**	,853**	,645**	,558**	,625**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,001	,000		,000	,000	,000	,000	,000
	N	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76
ACPVSOC	Correlação de Pearson	,285*	,443**	,309**	,547**	,567**	,443**	,376**	,344**	,315**	,884**	1	,509**	,615**	,581**	,543**
	Sig. (2-tailed)	,013	,000	,007	,000	,000	,000	,001	,002	,006	,000		,000	,000	,000	,000
	N	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76

ACNVSOC	Correlação de Pearson	,485**	,466**	,450**	,501**	,451**	,466**	,433**	,322**	,452**	,853**	,509**	1	,500**	,378**	,545**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,004	,000	,000	,000		,000	,001	,000
	N	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76
CP	Correlação de Pearson	,332**	,436**	,348**	,520**	,521**	,436**	,292*	,215	,307**	,645**	,615**	,500**	1	,922**	,905**
	Sig. (2-tailed)	,003	,000	,002	,000	,000	,000	,011	,062	,007	,000	,000	,000		,000	,000
	N	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76
ACPCP	Correlação de Pearson	,343**	,473**	,356**	,548**	,535**	,473**	,307**	,228*	,322**	,558**	,581**	,378**	,922**	1	,671**
	Sig. (2-tailed)	,002	,000	,002	,000	,000	,000	,007	,047	,005	,000	,000	,001	,000		,000
	N	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76
ACNCP	Correlação de Pearson	,260*	,318**	,276*	,396**	,413**	,318**	,222	,162	,235*	,625**	,543**	,545**	,905**	,671**	1
	Sig. (2-tailed)	,023	,005	,016	,000	,000	,005	,054	,161	,041	,000	,000	,000	,000	,000	
	N	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76	76
** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).																
* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).																